

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FEDERICO RANGEL RAMOS

FAMÍLIA, DINHEIRO E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FEDERICO RANGEL RAMOS

FAMÍLIA, DINHEIRO E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Santos

Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

R175f Ramos, Federico Rangel

Família, dinheiro e gerações : uma análise biográfica /
Federico Rangel Ramos. – 2022.

70 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho.

1. Família. 2. Dinheiro. 3. Gerações. 4. Interpretação. 5.
Biografias. I. Santos Filho, Hermílio Pereira dos. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

FEDERICO RANGEL RAMOS

FAMÍLIA, DINHEIRO E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hermílio Santos – PUCRS (orientador)

Prof. Dr. André Ricardo Salata – PUCRS

Prof. Dra. Beatriz Gershenson – PUCRS

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, David e Pia, pelo amor, apoio e carinho. Com certeza só estou onde estou e sou quem sou graças a eles e ao melhor ambiente que me permitiu ser livre.

A Livia, minha companheira de vida, obrigado por toda ajuda emocional que me faz enxergar a melhor versão que eu posso ser.

Ao professor e orientador, Hermílio Santos, pela confiança, apoio e disponibilidade, em especial na fase final do trabalho.

Ao Grupo de Pesquisa em Narrativas Biográficas, um ambiente ímpar de contribuições, ajuda e apoio.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

O objetivo da pesquisa consiste em analisar as diferentes experiências e interpretações de duas gerações da mesma família, mãe e filha, vividas pelas entrevistadas, que compreendem o período de 1980 até 2021. Para tal, utilizo teorias sobre família e gerações nas Ciências Sociais. Ainda, a sociologia fenomenologicamente orientada de Alfred Schütz oferece as ferramentas necessárias para investigar experiências biográficas. Como método, a análise de entrevistas narrativas biográficas se faz necessária, a partir do momento que tomamos a biografia das entrevistadas para entender o problema. A partir da reconstrução de caso de Márcia, foi possível analisar como a biografada interpreta sua história de vida e como são levantados temas relacionados principalmente aos aspectos econômicos e relacionais durante seus relacionamentos de casal. Ao narrar a sua infância também aparecem assuntos relacionados com o dinheiro, mas é priorizada a insegurança e sensação de abandono por parte de sua família de origem, que a biografada não reproduz na relação com sua família criada.

Palavras-chave: Família; Dinheiro; Gerações; Interpretação; Biografias;

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the different experiences and interpretations of two generations of the same family, mother, and daughter, lived by the interviewees, which cover the period from 1980 to 2021. To this end, I use theories about family and generations in Social Sciences. Still, Alfred Schütz's phenomenologically oriented sociology offers the necessary tools to investigate biographical experiences. As a method, the analysis of biographical narrative interviews is necessary, from the moment we take the biography of the interviewees to understand the problem. From the reconstruction of Márcia's case, it was possible to analyze how the biographer interprets her life story and how issues related mainly to economic and relational aspects during her couple relationships are raised. When narrating her childhood, issues related to money also appear, but the insecurity and feeling of abandonment on the part of her family of origin is prioritized, which the biographer does not reproduce in the relationship with her raised family.

Key words: Family; Money; Generations; Interpretation; Biographies;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Genograma de Márcia.....	37
Quadro 1 – Dados biográficos de Márcia.....	32
Quadro 2 – Hipóteses do nascimento de Márcia.....	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. BASE TEÓRICA	11
2.1 FAMÍLIA	11
2.2 GERAÇÕES	13
2.3 A SOCIOLOGIA DE ALFRED SCHÜTZ.....	16
3. METODOLOGIA	20
3.1 BASES EPISTEMOLÓGICAS	21
3.2 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS	23
3.3 CONDUÇÃO E ANÁLISE DE ENTREVISTAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS ...	26
3.3.1 Condução de entrevistas narrativas	26
3.3.2 Passos da análise	29
3.4 AMOSTRA E SATURAÇÃO TEÓRICA	30
4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS: ENTREVISTAS E RECONSTRUÇÃO DE CASO	31
4.1 DADOS BIOGRÁFICOS DE MÁRCIA.....	33
4.2 APRESENTAÇÃO E CAMPO TEMÁTICO	38
4.3 RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA VIVENCIADA	42
4.4 CONTRASTE DA VIDA VIVÊNCIADA COM A VIDA NARRADA.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

Desde os meados da década de 1980 o Brasil passou por diversas mudanças, tanto no âmbito político como no econômico, ambos altamente relacionados. No âmbito político tivemos uma ditadura civil-militar de 1964 a 1985 (LAMOUNIER, 2005), que após o seu fim permitiu um período de relativa estabilidade política, mas trouxe consequências pesadas para a economia nacional (KLEIN; LUNA, 2016). A recuperação da economia foi um desafio longo e que passou por diversos empecilhos, culminando em uma hiperinflação no final da década de 1980 e início da década de 1990 que foi controlada graças ao Plano Real instituído pelo então presidente da República, Itamar Franco (KLEIN; LUNA, 2016).

Por mais que a redemocratização do Brasil pós 1985 tenha gerado efeitos sociais positivos, o cenário econômico do país era bastante preocupante (LEITÃO, 2011). Altas taxas inflacionárias herdadas do período militar foram o principal alvo dos governos, sendo propostos uma série de planos econômicos que visavam, principalmente, conter a inflação (KLEIN; LUNA, 2016).

Planos econômicos são medidas impostas pelos governos para tentar resolver um desafio econômico que o país possa estar enfrentando em determinado momento. No Brasil, os planos econômicos foram utilizados, por exemplo, para melhorar a infraestrutura do país através do Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek na década de 1950 e para conter a inflação, algo que desde o Plano de Metas vêm como uma bola de neve até a culminação da hiperinflação do final da década de 1980. Os planos econômicos que tiveram como principal objetivo o combate a essa inflação foram, notadamente, os Planos Cruzados I e II, Plano Bresser e Plano Verão do governo de José Sarney, todos sem o sucesso esperado. Finalmente o Plano Real do governo de Itamar Franco, foi o primeiro em 8 anos de tentativas a conseguir conter a inflação e mantê-la estável (KLEIN; LUNA, 2016; LEITÃO, 2014).

Durante todo esse período turbulento, é plausível imaginar que a vida das pessoas em seu cotidiano foi afetada de alguma maneira e que essa experiência vivida pode ter sido herdada pela geração seguinte. É a partir desse cenário que esta pesquisa está situada, buscando compreender como as diferentes experiências vividas pela mãe entrevistada e as subseqüentes interpretações da sua realidade se manifestam na próxima geração representada por sua filha.

Empiricamente, um dos ângulos que a produção acadêmica no Brasil tem tratado do tema da família relacionado ao dinheiro é através da perspectiva do Programa Bolsa Família, um programa de distribuição condicional de renda instituído no governo Lula, que alavancou muitas famílias da extrema-pobreza (REGO; PINZANI, 2014; PIRES, 2012; WESSHEIMER, 2006; FONSECA et al. 2018). É de destaque a obra de Walquiria Leão Rego e Alessandro Pinzani que aborda de forma localizada o impacto que o programa tem para as chefes de família em diferentes regiões do país, levantando questões como moralidade, dignidade e autonomia, tanto em relação a si mesmo, mas principalmente na relação das chefes de família com a sociedade (REGO; PINZANI, 2014).

Seguindo a teoria sociológica de Alfred Schütz é possível pensar como, a partir do cotidiano das pessoas, os resultados dos diferentes planos econômicos implementados no país nas últimas décadas podem orientar o plano de ação das famílias. A organização financeira familiar é um componente central da vida das pessoas e que influencia diversas tomadas de ação, particularmente as decisões que influenciam, por exemplo, a escolha por uma trajetória escolar regular ou a inserção “precoce” no mercado de trabalho por necessidade.

Deste modo, a perspectiva reconstrutiva das narrativas biográficas permite que tenhamos uma análise detalhada sobre a história de vida dos biografados e a suas interpretações do seu cotidiano, preenchendo então uma lacuna de pesquisa quando analisamos famílias, gerações e economia.

2. BASE TEÓRICA

As bases teóricas para esta pesquisa são os estudos relacionados a famílias e gerações e as contribuições do sociólogo Alfred Schütz para pensarmos os outros temas propostos através da perspectiva reconstrutiva de narrativas biográficas proposta por Fritz Schütze (1977) e Gabriele Rosenthal (2014).

2.1 FAMÍLIA

Segundo Minuchin e Fishman (1990), a noção de família pode ser definida como um sistema sociocultural aberto em transformação, que passa por desenvolvimento. Atravessa um certo número de estágios, os quais requerem reestruturação; se adapta a circunstâncias modificadas, de maneira a manter a continuidade e a intensificar o

crescimento psicossocial de cada membro. Com as mudanças socioculturais, as configurações de família foram se ampliando, bem como o entendimento de sistema familiar, pois se tornou uma unidade mais complexa de interação. As famílias contemporâneas apresentam variações na estrutura, nos papéis de gênero, diversidade cultural, disparidade socioeconômica e o ciclo vital da família tem se alongado (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016).

Quando falamos de famílias “pós-modernas”, é importante frisar que elas não precisam se encaixar na visão de uma família nuclear heteronormativa com um casal com filhos. A família pós-moderna serve como um guarda-chuva em que todas as configurações possíveis possam ser aceitas como família (FONSECA, 2004). Em relação às famílias entrevistadas, a configuração familiar pode fugir do “padrão”.

Sobre os estudos relacionados à família e recursos financeiros a socióloga argentina, radicada nos Estados Unidos, Viviana Zelizer segue uma lógica weberiana ao se apropriar dos estudos econômicos para pensar a sociedade norte-americana, histórica e contemporaneamente. A autora, que é uma das principais referências da sociologia econômica, analisa as famílias estadunidenses através de “objetos” do capitalismo.

Em *The Social Meaning of Money* (2017), a autora renova o interesse da sociologia econômica por um tema que até então era analisado quase exclusivamente por economistas: o dinheiro. Desta forma, Zelizer analisa o sentido conferido ao dinheiro pelas famílias estadunidenses, país onde o capitalismo ocidental se desenvolveu com vigor, especialmente no final do século XIX e início do século XX. A monetarização da vida social através da análise da adoção do dólar como moeda nacional e a sobreposição às moedas regionais/provinciais chamadas de “outras moedas”.

O livro mostra como a família norte-americana, ao final do século XIX, se deparou com a monetarização das práticas econômicas no seio da unidade familiar. A utilização extensa do dinheiro teve reflexos aparentes, mas diferentemente do que os pensadores das teorias dos mundos hostis debatiam (Zelizer, 2005b), o dinheiro não deteriorou as relações sociais, mas produziram-se novos rituais, práticas e significados para estabilizar as relações íntimas. Os símbolos, rituais e as crenças são manifestações de significados produzidos entre a esfera dos sentimentos e da

racionalidade. De fato, em vez de negar as esferas, a autora busca dissolver o hiato que existe entre elas. Para a socióloga, a família, pensada como espaço da afetividade, gratuidade e solidariedade, se relaciona com a ideia de cálculo, racionalidade e dinheiro.

2.2 GERAÇÕES

A partir do conceito de gerações na sociologia de Mannheim (1993), estabeleço a importância de se olhar para duas gerações para entender as mudanças sociais, tanto internas, no âmbito da própria família, quanto externas, na relação do indivíduo com a sociedade. As gerações servem como forma de estabelecer uma linha de tempo maior.

Desse modo, para tratar do tema das gerações utilizo Karl Mannheim, um sociólogo nascido na Hungria em 1893. Mannheim, durante o seu período de estadia na Alemanha, focou seus estudos em problemas sociológicos e filosóficos, quando produziu sua obra mais conhecida “Ideologia e Utopia” de 1929 e “O problema das gerações” de 1928. Além disso, também é um dos fundadores da sociologia do conhecimento. Uma corrente da sociologia do conhecimento também é desenvolvida inicialmente por Alfred Schütz, criando uma vertente fenomenológica influenciada por Edmund Husserl.

Em seu artigo clássico, Mannheim (1993) apresenta uma nova conceituação para entender o problema das gerações. A partir de uma revisão do estado da arte na época, Mannheim separa a abordagem positivista francesa, que enfoca as gerações a partir de dados quantitativos, da abordagem histórico-romântica alemã, que trabalha a partir de uma abordagem mais qualitativa (WELLER, 2005).

Optando por seguir a tradição alemã, Mannheim critica a abordagem francesa:

O objetivo é compreender a mudança formal das correntes espirituais e sociais imediatamente da esfera biológica; apreender a configuração do progresso da raça humana a partir do substrato vital [...]. A história do espírito parece nessa visão como se apenas as tabelas cronológicas tivessem sido estudadas. Depois dessas simplificações, parece que a dificuldade do problema reside apenas em calcular o tempo médio que leva para a velha geração ser substituída pela nova na vida pública e, principalmente, encontrar o ponto de partida natural a partir de qual se procede fazer, no curso histórico, um corte oportuno, para poder começar a contar. A duração das gerações é determinada diferentemente de caso a caso. Alguns definem a duração do efeito de

geração em quinze anos (por exemplo, Dromel), mas a maioria dos autores afirmam que dura trinta, baseando-se na seguinte consideração: os primeiros trinta são anos de formação; só nessa idade o indivíduo médio começa a ser criativo e, quando chega aos sessenta, o homem deixa a vida pública. (MANNHEIM, 1993, pp. 195 – 196.)

Para Mannheim (1993), o problema das gerações passa a ser uma questão que trate do fluxo interno de tempo, que por ser subjetivo, não pode ser medido (MANNHEIM, 1993). Além disso, Mannheim utiliza dois conceitos chave no pensamento do filósofo alemão Wilhelm Dilthey:

1. A contraposição entre a mensuração quantitativa e a compreensão exclusivamente qualitativa do tempo interior de vivência; 2. O fato de que não é somente a sucessão de uma geração que cobra um sentido mais profundo do que o meramente cronológico, mas também o fenômeno da “contemporaneidade” ou “simultaneidade” (WELLER, 2005. p. 7).

A partir do conceito da contemporaneidade elaborado por Dilthey, Mannheim destaca que os indivíduos que crescem como contemporâneos, pertencentes à mesma geração, participam das mesmas experiências e referências sociais e culturais, que moldam as suas situações político-sociais (MANNHEIM, 1993).

Contudo, Mannheim vai além com o conceito do vínculo geracional como resultado das experiências na contemporaneidade a partir do pensamento do historiador de arte alemão Wilhelm Pinder, citando uma “não-contemporaneidade dos contemporâneos” (WELLER, 2005). Segundo Weller: “Mannheim chama atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico” (WELLER, 2005, p. 8). Outro fator importante elaborado por Mannheim, ainda seguindo Pinder, diz respeito aos problemas da entelúquia geracional, ou seja, para o fato de que as gerações compartilham interesses e objetivos íntimos em comum em determinado tempo histórico (WELLER, 2005).

É a partir, então, dessas duas contribuições, a “não-contemporaneidade dos contemporâneos” e a “entelúquia das gerações”, que Mannheim desenvolve sua análise sobre o problema das gerações (WELLER, 2005).

Mannheim divide o conceito de geração em 3 noções chave para entender o problema das gerações: a posição geracional, a conexão geracional e a unidade geracional, que estão intimamente conectadas.

Segundo Weller:

Buscando analisar a especificidade do convívio dos indivíduos interligados pela unidade geracional, Mannheim chama a atenção para o fato de que a unidade de uma geração não consiste em uma adesão que tenha por objetivo a criação de grupos concretos, preocupados em constituir uma coesão social, ainda que, ocasionalmente, algumas unidades geracionais possam vir a constituir grupos concretos [...] (WELLER, 2005, p. 9.)

A questão da unidade geracional aparece como produto final no pensamento do autor, tanto a posição quanto a conexão geracional aparecem como bases para explicar a unidade geracional. A unidade geracional representa um grupo de indivíduos que compartilham da mesma posição e conexão geracional e que têm a potencialidade de agir em respeito à enteléquia.

Mannheim equipara a posição de classe com a posição geracional, “para o autor, a conexão geracional resulta dos aspectos similares existentes entre indivíduos ‘agregados a uma geração por sua posição nos âmbitos sociais’” (MANNHEIM, 1993 apud WELLER, 2005).

Conforme Weller (2005):

A situação de classe e a situação geracional, apresentam aspectos similares devido à posição específica que os indivíduos por elas influenciados ocupam no âmbito sócio-histórico: essa posição gera uma modalidade específica do viver e do pensar, da forma como os mesmos interferem no processo histórico (MANNHEIM, 1993 apud WELLER, 2005, p. 10).

O que define a posição geracional não é apenas o conjunto de experiências compartilhadas por um grupo de indivíduos, mas sim a potencialidade de que possam ser adquiridas (WELLER, 2005). Essa potencialidade existe a partir de outros fatores sociais, não apenas da vontade dos indivíduos. Já a conexão geracional pressupõe que os indivíduos vão além da potencialidade de ação e que, de fato, participem e ajam em uma prática coletiva (WELLER, 2005). Tanto a posição quanto a conexão geracional podem gerar unidades geracionais distintas, segundo Weller:

As unidades de geração desenvolvem perspectivas, reações e posições políticas diferentes em relação a um mesmo problema que lhes foi dado praticamente a partir do nascimento em um contexto social idêntico assim como em um período específico. Têm ainda como característica a adoção ou criação de estilos de vida distintos, ainda que estejam vivendo em um mesmo meio social. Em outras palavras: a unidade geracional constitui uma adesão mais concreta do que aquela estabelecida pela conexão geracional, mas a forma como grupos de uma mesma conexão geracional lida com os fatos históricos vividos por sua geração, [...] fará com que surjam distintas unidades

geracionais no âmbito da mesma conexão geracional. (WELLER, 2005, pp. 11-12).

A unidade geracional é o que mais se aproxima dos grupos de fato, contudo, Mannheim está mais empenhado em descobrir quais são “as tendências formativas e as intenções vinculativas básicas que estes incorporaram e nas quais, através delas, se vincula às vontades coletivas” (MANNHEIM, 1993, p. 224).

Tendo em mente os conceitos de geração de Mannheim, podemos pensar em quais condições existem na sociedade para que os indivíduos possuam interpretações diversas a respeito do mesmo tema. É a partir da particularidade biográfica de cada um que, mesmo compartilhando o mesmo tempo cronológico e a “mesma geração”, tenhamos divergências em relação a eventos sócio-históricos.

2.3 A SOCIOLOGIA DE ALFRED SCHÜTZ

Os conceitos sociológicos utilizados para esta pesquisa são encontrados em uma corrente alemã da sociologia, a sociologia compreensiva, fundada principalmente por Max Weber no século XIX. Entre os diversos teóricos que seguiram o pensamento weberiano para construir suas teorias, encontra-se aqui uma breve exposição de Alfred Schütz, sociólogo vienense que combina a sociologia de Weber com a filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, em uma tentativa de criar as bases para uma sociologia fenomenologicamente orientada.

Alfred Schütz nasceu em Viena em 1899, e morreu em Nova York em 1959. Schütz estudou na Universidade de Viena nos anos 1920, época em que vários grandes intelectuais se reuniram na mesma universidade, como Hans Kelsen, Ludwig von Mises, Othmar Spann entre outros. Schütz, devido à tradição acadêmica dos países de língua alemã, pode dedicar-se aos estudos de sociologia, economia, direito e filosofia, também podendo aprender sobre música e literatura (SANTOS, 2018).

Com a ameaça de ocupação da Áustria por Hitler em 1938, Schütz emigrou para Paris e logo em seguida, para os Estados Unidos. Chegando em Nova York, começou a lecionar na *New School for Social Research* à noite e, durante o dia, trabalhava no departamento jurídico de um grande banco (WAGNER, 1979). Ao longo de sua produção acadêmica, Schütz publicou um livro em 1932 intitulado *Der sinnhafte Aufbau der Sozialen Welt*, “A construção significativa do mundo social”, (recentemente foi publicado em português), além de vários artigos, majoritariamente na língua

inglesa, outros em alemão, francês ou espanhol (WAGNER, 1979). Devido à sua morte em 1959, um de seus alunos na *New School*, Thomas Luckmann, publicou em coautoria póstuma com Schütz, aquele que seria um trabalho mais finalizado das principais ideias de Schütz, *Die Strukturen der Lebenswelt*, “*Structures of the Life-World*” (WAGNER, 1979), cuja tradução brasileira será publicada pela Edipucrs em 2022.

Schütz dedicou seu esforço intelectual a estudar sistematicamente o pensamento do filósofo Edmund Husserl, com quem teve contato durante sua vida, e o pensamento do sociólogo Max Weber, considerado o fundador de um pensamento compreensivo da sociedade junto com Georg Simmel. Através da revisão desses dois importantes pensadores do século XIX, é que Schütz realiza sua obra.

O ponto inicial da filosofia husserliana consiste nas experiências dos seres humanos conscientes, que pensam, agem e vivem em um mundo que ele percebe, interpreta e dá sentido a ele (WAGNER, 1979). A fenomenologia de Husserl, através de uma tentativa de mapear a estrutura da consciência humana, oferece a Schütz uma série de conceitos que são posteriormente desenvolvidos, como por exemplo, o mundo da vida, a “atitude natural”, entre outros.

Schütz utiliza a teoria de ação social weberiana para fundamentar sua própria sociologia fenomenologicamente orientada. A ação social em Weber consiste em que “a conduta humana só é considerada ação quando, e na medida em que a pessoa que age atribui à ação um significado e lhe dá uma direção que, por sua vez, pode ser compreendida como significante.” (WAGNER, 1979, p. 10). A sociologia de Alfred Schütz busca, dessa forma, valer-se dos principais conceitos de Husserl para complementar e levar adiante o projeto weberiano de compreensão do significado da ação humana.

A obra de Alfred Schütz se dedica, então, a fazer a combinação entre a sociologia compreensiva de Max Weber e a filosofia fenomenológica de Edmund Husserl. Para Schütz, a obra de Max Weber não desenvolveu suficientemente os conceitos de ação social, e busca a partir da fenomenologia de Husserl, entender como o sentido da ação se constitui subjetivamente para o ator social nas interações com o mundo da vida (RINALDI, 2018). Dessa forma, “o ponto de partida da investigação sociológica de Schütz é a interpretação da compreensão do significado

subjetivo atribuído aos fenômenos por parte do ator no mundo da vida” (SANTOS, 2011).

A sociologia fenomenologicamente orientada desenvolvida por Alfred Schütz nos apresenta conceitos ricos para desenvolver pesquisas interpretativas através das entrevistas narrativas biográficas. O mundo da vida, o estoque de conhecimento, os sistemas de relevância, e os motivos (*a fim de e por quê*) são alguns conceitos principais para pensar analiticamente as biografias. É importante notar que todos os conceitos schützianos estão entrelaçados e funcionam em conjunto para descrever a ação social e o mundo cotidiano ao nosso redor.

Para a teoria sociológica de Schütz, o mundo da vida é um conceito derivado da filosofia fenomenológica de Husserl que representa o mundo intersubjetivo pré-existente tomado como dado para os indivíduos, em que esses, através da “atitude natural”, reconhecem os aspectos objetivos da vida e as possibilidades de ação. É na atitude natural do mundo da vida que se suspende a dúvida em relação à existência das coisas objetivas (SANTOS, 2011). Para Schütz:

O mundo da vida cotidiana significará o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Ele agora se dá à nossa experiência e interpretação. Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de “conhecimento à mão” funcionam como um código de referência (SCHÜTZ, 1979, p. 72).

Esse mundo da vida é criado por cada indivíduo internamente e posteriormente compartilhado através de suas ações e interações com outros indivíduos, e principalmente, esse mundo, para Schütz, já existia antes do nosso nascimento, construído pelos outros indivíduos e nós o internalizamos através das experiências sociais. Conforme Natanson:

Nascer no mundo significa, antes de tudo, nascer de progenitores que nos são exclusivos, ser criados por adultos que constituem os mesmos elementos condutores de nossos fragmentos de experiência [...]. Cada pessoa segue durante toda a sua vida interpretando o que encontra no mundo segundo a perspectiva de seus interesses particulares, motivações, desejos, compromissos religiosos e ideológicos. (NATANSON, 2008. p. 17, tradução nossa).

O estoque de conhecimento constitui todas as experiências e interpretações que dispomos no mundo da vida, que guiam como agimos no mundo social. O estoque de

conhecimento é feito de tipificações sobre o mundo da vida, que tomamos como sendo constituído desde o nosso nascimento e tem sido interpretado por nossos antepassados e contemporâneos e continuará sendo interpretado em um futuro ainda não totalmente definido (NATANSON, 1962).

Ele pode ser dividido em dois, o “conhecimento à mão” e o “conhecimento em mãos”. O conhecimento à mão se caracteriza como sendo aquele conhecimento que temos, mas não é utilizado imediatamente. Um exemplo são os idiomas que uma pessoa pode conhecer, por mais que ela não utilize todos ao mesmo tempo, cada idioma está à mão quando necessário. O conhecimento em mãos configura o contrário, são as habilidades que colocamos em uso instantaneamente. Um exemplo de conhecimento em mãos pode ser a habilidade para andar de bicicleta, onde tal conhecimento é usado de imediato (SCHÜTZ, 1979; SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973).

Estoque de conhecimento é constituído por todas as experiências e interpretações que vivenciamos e, por isso, é mutável ao longo da vida. O conhecimento adquirido não é homogêneo e se divide em zonas de relevância, cujo núcleo é claro, preciso e consistente. Nele estão os códigos centrais de interpretação e ao redor existem outras zonas que de acordo com Schütz são:

[...] zonas de gradação variada de clareza, obscuridade e ambiguidade. A essas se seguem zonas de preconceitos, credices cegas [...], zonas de coisas nas quais basta “acreditar”. E, finalmente, existem regiões que ignoramos completamente. (SCHÜTZ, 1979, p. 74)

O sistema de relevância faz a junção, em certa medida, dos outros dois conceitos apresentados até aqui, o mundo da vida e o estoque de conhecimento. Esse conceito determina como, dentro do mundo da vida e através da atitude natural, nos deparamos, confrontamos e escolhemos nossos cursos de ação, que por sua vez alimentam nosso estoque de conhecimento; todas as experiências e ações estão baseadas em sistemas de relevância (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973). Além disso, de acordo com Santos:

Esse sistema preenche as seguintes funções: a) determinar quais eventos devem ser tratados como tipicamente iguais; b) transformar ações individuais únicas de seres humanos em funções típicas de papéis sociais típicos; c) funcionar como um código de interpretação e ao mesmo tempo como código de orientação aos membros do grupo interno, criando assim um universo comum de discurso. Desse sistema que estamos tratando aqui depende ainda a interação

humana quando o código de tipificação é estandardizado e o sistema de relevância institucionalizado. (SANTOS, 2011, p. 6).

Outro aspecto importante do pensamento de Schütz é o que ele denomina situação biográfica. Esse conceito determina que todos os homens ao longo da vida se encontram em um momento biográfico, físico e sociocultural estabelecido por ele, não somente em termos físicos, mas também no que diz respeito à sua moral e ideologia (SCHÜTZ, 1979). De acordo com o autor:

Dizer que essa definição da situação é determinada em termos biográficos significa dizer que ela tem a sua história: é a sedimentação de todas as experiências anteriores desse homem, organizadas de acordo com as posses “habituais” de seu estoque de conhecimento à mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente. (SCHÜTZ, 1979, p. 73).

Finalmente, os conceitos de motivos *a fim de* e motivos *por que* fazem parte da teoria da motivação de Schütz. Aqui percebemos uma contribuição importante, as motivações possuem um duplo caráter, de acordo com Wagner:

Por um lado, os homens agem em função de motivações dirigidas a objetivos que apontam para o futuro. Schütz as denominou “motivos a fim de”. Por outro lado, os homens têm “razões” para as suas ações e preocupam-se com elas. Essas razões estão enraizadas em experiências passadas, na personalidade que um homem desenvolveu durante sua vida. Schütz as denominou “motivos por que”. (WAGNER, 1979, p. 27).

Os conceitos de Schütz apresentados até aqui representam a base do seu pensamento para que os cientistas sociais possam ir a campo para decodificar o mundo social. Dessa forma, é importante ressaltar que a sociologia fenomenológica não se restringe a um tema de pesquisa específico, mas sim, é facilmente utilizada para sustentar teórica e metodologicamente variados estudos. Acoplado ao método de análise de narrativas biográficas, que utiliza tais conceitos, é possível investigar temas como violência (LUDWIG, 2015; SUSIN, 2014), migrações (SANGALLI, 2015), prisão (REIF, 2016), suicídio (LAVALL, 2019), entre vários outros.

3. METODOLOGIA

A metodologia proposta para esta pesquisa é a análise de entrevistas narrativas biográficas, inicialmente formulada pelo sociólogo alemão Fritz Schütze (1977), e posteriormente desenvolvida por Gabriele Rosenthal (2014; 2017). A abordagem de narrativas biográficas é um método de pesquisa social qualitativa em que o sujeito é

o foco da análise, e é justamente a interpretação feita por esse sujeito sobre a realidade social, construída de forma intersubjetiva, que nos interessa. Ainda, é importante ressaltar que é através das relações entre os indivíduos e destes com a sociedade, que se propõe a construção de interpretações da realidade objetiva (ROSENTHAL, 2014).

3.1 BASES EPISTEMOLÓGICAS

A pesquisa biográfica interpretativa baseia-se em preceitos investigativos em que todo o corpo do trabalho é construído ao longo da pesquisa, e não de antemão. Metodologias qualitativas com uma abordagem etnológica desenvolvem os métodos na medida que a pesquisa avança. Neste tipo de metodologias, seguindo o modelo de coleta de dados da sociologia do conhecimento, o pesquisador vai ao campo munido de ferramentas para compreender interpretações e vivências no mundo social (ROSENTHAL, 2014). Ainda, Rosenthal (2014) oferece dois princípios que servem como guia para o pesquisador ao longo do trabalho, o princípio da comunicação e o princípio da abertura.

O princípio da comunicação se refere a um conceito desenvolvido inicialmente por Erving Goffman em seu livro intitulado “*Frame analysis. An essay on the organization experience*” publicado originalmente em 1974. Goffman defende que a interação humana parte de diversos enquadramentos (*frames*) e enquadres (*framing*). As pessoas, ao longo das relações sociais, utilizam esses princípios para se comunicar uns com os outros e interpretar as diversas situações sociais. Seja durante uma entrevista ou em um supermercado, as diferentes situações apresentam diversas formas de comunicação. Esse princípio está inserido na perspectiva reconstrutiva de uma narrativa biográfica uma vez que, durante a análise, o pesquisador poderá criar hipóteses sobre o enquadramento durante a entrevista. Uma hipótese pode ser a de que o entrevistado apresentou um enquadre diferente em relação ao entrevistador ao pensar que a entrevista se resume à dimensão terapêutica ou por considerar que será reproduzida externamente (ROSENTHAL, 2014).

O princípio da abertura aponta para um *state of mind* de o pesquisador estar aberto ao campo e às diversas possibilidades nele presente, sem impor conceitos, teorias ou hipóteses de antemão (ROSENTHAL, 2014). Ainda, o princípio de abertura acompanha a pesquisa constantemente, desde o momento da coleta de dados

através das entrevistas narrativas biográficas, possibilitando ao pesquisador se atentar a temas que não necessariamente estavam previstos, até a análise dos dados (ROSENTHAL, 2014). Estar aberto ao campo e às diversas situações que se apresentam constituem fundamentalmente a abertura. De acordo com Rosenthal (2014):

O princípio de abertura exige do cientista social, antes de tudo, disposição para a descoberta do novo, exige se deixar envolver pelo campo empírico; estar aberto significa também aceitar mudanças em seu estoque de conhecimento [...]. Essa disposição implica também estarmos conscientes de nossas pressuposições - em parte implícitas -, e isso o quanto for possível, para que elas, assim, não venham a guiar a investigação sem que percebamos. (ROSENTHAL, 2014, p. 61).

Para exemplificar o princípio da abertura parto da minha própria experiência ao realizar as entrevistas, ainda que o tema geral da pesquisa seja as diferentes experiências dos membros da família em relação a temas socioeconômicos, também é possível voltar a atenção para situações familiares, como as relações entre a mãe e filha entrevistadas.

O princípio de abertura propõe que a imersão no campo seja livre de pré-conceitos ou formulações pré-estabelecidas. Dessa forma, aspectos até então não pontuados pelo pesquisador podem tornar-se relevantes. Durante o processo de análise, o princípio de abertura permite que o campo apresente ao pesquisador os fenômenos sociais, em vez de guiar-nos de forma dedutiva a partir de uma teoria específica (SANGALLI; RINALDI, 2018).

A pesquisa social interpretativa, durante todos seus passos, admite uma lógica para criação e teste de hipóteses da abdução, que difere das outras duas lógicas comuns à ciência, a indução e a dedução.

Proposto inicialmente pelo filósofo pragmático americano Charles Sanders Peirce, o método abdução diz respeito ao modo como se chega a uma conclusão científica através de hipóteses. Diferentemente da indução que parte de uma hipótese estabelecida antes da análise, ou da dedução que parte de uma teoria, a abdução toma como ponto de partida o fenômeno empírico, para formular hipóteses, que podem ser confirmadas ou refutadas. É através da abdução que é possível utilizar o caso particular para derivar generalizações teóricas empiricamente fundamentadas (ROSENTHAL, 2014). Buscarei exemplificar como funciona cada uma das três lógicas, a indução, a dedução e a abdução.

Imaginemos que temos um saco opaco de arroz em nossa frente, sem conseguir ver o conteúdo e apenas retirando um grão de arroz por vez. Três cientistas utilizarão uma das lógicas para chegar a uma conclusão.

O primeiro cientista, para determinar que todos os grãos dentro do saco são brancos, utiliza a indução. Retira um grão por vez até confirmar que todos os grãos são brancos, ou seja, a partir de diversos casos particulares, consegue formular uma regra geral.

O segundo cientista, valendo-se da dedução, necessita apenas de uma informação prévia sobre o problema, ouviu que naquele saco só existiam grãos brancos. Dessa forma, depois de retirar um grão e confirmar que é branco, essa informação é, por hora, verdadeira. Contudo, as deduções geralmente costumam basear-se em induções prévias para criar as leis gerais. A dedução parte das leis gerais para, através dos casos particulares, confirmar ou refutar as leis.

Já o terceiro cientista, através da abdução, utilizaria a informação da cor dos grãos como hipóteses a serem testadas. Dessa forma, através da abdução é possível afirmar que, se os grãos que retiro do saco são brancos, e o vendedor afirma que no saco só há grãos brancos, provavelmente, todos os grãos serão brancos.

A abdução, de acordo com Peirce (1980), é o único modo de inferência que permite as descobertas científicas de forma sistematicamente válida através da observação dos fenômenos empíricos e comprovação ou refutação de hipóteses.

É a partir dessa lógica de inferência, a abdução, que estão baseadas as pesquisas interpretativas que utilizam as entrevistas biográficas como fonte primária de dados. Desse modo, é possível utilizar os casos particulares (fenômenos) para criar generalizações empiricamente fundamentadas.

3.2 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

A pesquisa biográfica interpretativa tem uma longa história. Em 1920 já eram feitos estudos acadêmicos na psicologia e na sociologia, pioneiros nessa área. A psicanálise de Sigmund Freud pode ser considerada como parte dessa gênese. O foco do trabalho de Freud em conhecer principalmente a infância e adolescência dos seus pacientes nos mostra seu interesse pela biografia (1971). O estudo clássico de William Thomas e Florian Znaniecki, publicado em cinco volumes, entre 1918 e 1920, utilizando dados biográficos de um lavrador polonês a respeito de sua migração aos

Estados Unidos, é considerado o marco inicial central sobre pesquisa biográfica na sociologia (ROSENTHAL, 2014).

Já no Brasil, desde a década de 50, ainda que marginalmente, pesquisas biográficas têm sido realizadas. Florestan Fernandes e Roger Bastide utilizavam a história oral em pesquisas sociais (SANTOS et al., 2014). Já a partir da década de 2000, é crescente o interesse acadêmico brasileiro sobre pesquisas que utilizem metodologia interpretativa e biográfica. No 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia em 2017, houve um alto volume de trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho Biografia e Sociedade (RINALDI, 2018).

Ainda, no 20º congresso da SBS realizado em 2021, o comitê de pesquisa 29 intitulado Biografia e Sociedade, que têm o interesse de promover a apresentação e discussão de trabalhos onde as biografias e narrativas são o foco central, contou com a apresentação de 15 trabalhos de pesquisadores de diversas partes do Brasil.

Na Alemanha, na década de 1970, o pesquisador Fritz Schütze desenvolveu um método de entrevista e análise de narrativas biográficas através do “Grupo de Trabalho dos Sociólogos de Bielefeld” (ROSENTHAL, 2014). Esse grupo realizou uma revisão da sociologia fenomenologicamente orientada de Alfred Schütz e da sociologia do conhecimento de Thomas Luckmann, aluno de Alfred Schütz. De acordo com Rosenthal, Luckmann “é responsável pela formação de vários sociólogos hoje em atividade na pesquisa etnográfica do mundo da vida e no campo da análise etnometodológica da conversação” (ROSENTHAL, 2014. p. 35).

Em diálogo com sociólogos norte-americanos da Escola de Chicago como George Herbert Mead, Herbert Blumer, Aaron Cicourel, Harold Garfinkel e Erving Goffman, os sociólogos alemães incorporaram os conceitos fundamentais do interacionismo simbólico para aprofundar suas metodologias (WELLER, 2010), contrastando com uma visão da sociologia positivista e quantitativa da época (ROSENTHAL, 2014).

Os estudos produzidos pela Escola de Chicago, com os pressupostos do interacionismo simbólico e uma orientação empírica, foram fundamentais para o desenvolvimento dos métodos qualitativos que se orientavam pelo ator. De acordo com Rosenthal:

[...] firmava-se na Universidade de Chicago uma pesquisa empírica de tendência claramente qualitativa, voltada para os problemas sociais da cidade e para a utilização dos seus resultados na práxis social. Era por conta da rasante industrialização e do rápido crescimento notado nas cidades que a sociologia e, de maneira geral, as pesquisas sociais desenvolvidas nos Estados Unidos se voltavam para questões de ordem prática. (ROSENTHAL, 2014, p. 37).

A pesquisa social interpretativa é resultado de duas correntes, por um lado a pesquisa empírica da Escola de Chicago, como já exposto. Por outro lado, a sociologia compreensiva alemã de Max Weber e Georg Simmel, que estava orientada para processos macrossociológicos da sociedade. É em Max Weber que encontramos algumas das bases fundamentais para entender o porquê da pesquisa interpretativa. De acordo com o autor:

Sociologia [...] significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente o agir social, e deste modo, esclarecer sua causa a partir de seus efeitos e considerando-o em curso. “Agir” corresponde a um comportamento humano (seja um fazer externo ou interno, omissão ou tolerância), sempre e apenas quando o agente relaciona a ele um sentido objetivo. “Agir social”, por seu turno, configura um agir que, tendo em vista o sentido visado pelo agente ou pelos agentes, faz referência ao comportamento alheio, a cujo curso encontra-se orientado. (WEBER, 1972, p. 3).

A corrente de pensamento da sociologia alemã que fundamenta a pesquisa interpretativa difere da corrente francesa proposta principalmente por Émile Durkheim, que atenta mais às estruturas da sociedade do que à ação dos indivíduos (SANTOS, 2011). Durkheim explica a sociedade através dos fatos sociais, conceito central do seu pensamento. Segundo o autor:

Um fato social é aquele tipo de agir mais ou menos fixo e que possui a capacidade de exercer sobre o indivíduo uma coerção externa; ou também que em geral surge no contexto de uma determinada sociedade, um tipo de ação de vida própria, independente de expressões individuais. (DURKHEIM, 1970, p. 114).

Dessa forma, fica evidente que a corrente de pensamento alemã, que é centrada no sujeito, oferece um panorama consistente para realizar pesquisas interpretativas. Olhar para o sujeito através de suas ações constituídas de significado, como define Weber (WAGNER, 1979), é central para poder entender como se arquiteta a sociedade moderna.

A seguir se fará uma exposição de como a metodologia escolhida funciona praticamente, através dos mecanismos de produção de dados.

3.3 CONDUÇÃO E ANÁLISE DE ENTREVISTAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

A abordagem proposta por Gabriele Rosenthal (2014) é composta de dois momentos: o primeiro consiste na produção dos dados, através da condução de entrevistas abertas; o segundo é a análise desses dados através das reconstruções de caso.

3.3.1 Condução de entrevistas narrativas

O método para coleta de dados através de entrevistas narrativas foi desenvolvido pelo sociólogo alemão Fritz Schütze na década de 1970, por meio de uma pesquisa sobre fusão de comunidades, retomando os trabalhos de William Labov e Joshua Waletzki de 1973 (ROSENTHAL, 2014).

As entrevistas narrativas biográficas são uma forma de entrevista aberta, em que o entrevistado assume um papel mais central, principalmente em relação aos temas que serão levantados. A finalidade dessa forma de entrevista é a possibilidade de coletarmos longos relatos, seja sobre a própria pessoa, seja mais focada num evento ou instituição específica (ROSENTHAL, 2014). Ainda, de acordo com Rosenthal (2014):

O procedimento narrativo oferece aos entrevistados a maior liberdade possível para a articulação de suas próprias experiências e também para o desenvolvimento de um ponto de vista sobre o tema abordado, sobre a sua história de vida. Outro objetivo de estimular narrações é possibilitar reproduzir cursos de ação. (ROSENTHAL, 2014, p. 184).

Rosenthal (2014) sugere a criação de notas, ou memos para serem utilizados durante toda a investigação. Um memo é semelhante a um diário de campo etnográfico. Apresenta informações sobre o contato com os entrevistados, como se deram as sessões de entrevista, dados coletados sobre a história familiar e o ambiente geral das entrevistas. Todos esses dados serão posteriormente utilizados na reconstrução do caso.

Além disso, o recomendado para a realização das entrevistas é que sejam, se possível, feitas em dois ou mais encontros, com o objetivo de termos um retorno sobre o primeiro encontro, preencher lacunas e poder, geralmente, ter mais confiança entre o pesquisador e o biografado.

Antes da entrevista, é importante para o pesquisador ter em mente o princípio da comunicação, em relação aos enquadramentos (GOFFMAN, 1986), estabelecidos tanto por ele quanto pelo entrevistado.

O ponto inicial da entrevista consiste em uma pergunta aberta ao entrevistado sobre toda sua história de vida, desde o momento do seu nascimento e, se possível, o contexto de nascimento – que pode ter sido relatado a ele por seus pais – até os dias atuais. A pessoa é livre para descrever e narrar tudo que considerar pertinente sobre sua vida. O entrevistador nesse primeiro momento fica em silêncio, apenas com manifestações paralinguísticas para confortar o entrevistado e estimular a sequência do relato biográfico. Durante a fala, faz breves anotações com palavras-chave sobre os temas que são levantados. Essas anotações constituem o que seria um roteiro de entrevista para guiar o entrevistador na segunda fase da entrevista (ROSENTHAL, 2014).

É nesse momento da entrevista, da coleta de dados, que começa a ficar evidente o princípio de abertura; por mais que o pesquisador tenha um problema de pesquisa definido, a entrevista não é conduzida estritamente por ele. A pergunta inicial representa esse princípio uma vez que é sugerido ao entrevistado um relato geral, com os temas que ele considere relevante. Não é sugerido o relato de nenhum tema específico, como, por exemplo, a migração. Conforme Sangalli e Rinaldi, não são feitas perguntas como: “[...] “Por que você saiu de seu país?” ou “O que te motivou a deixar seu país?”, é feita uma pergunta aberta, como “Eu gostaria que você me contasse sobre sua história de vida e a de seus familiares.” (SANGALLI; RINALDI, 2018, p. 115).

Após a narrativa inicial é que o entrevistador revisa suas notas e começa a perguntar ao entrevistado sobre tudo que foi relatado. Dessa forma, o “roteiro” da entrevista é criado simultaneamente à entrevista. Rosenthal afirma: “Enquanto que, na forma tradicional de entrevista, as questões, pré-formuladas, são feitas respeitando uma ordem específica, a entrevista aberta toma o relato do entrevistado como referência.” (Rosenthal, 2014). Nessa segunda parte da entrevista é importante para o pesquisador, quando voltar a perguntar, não iniciar as perguntas com “por quê” ou “quando” e sim “como” algo aconteceu, para instigar que a resposta do entrevistado possa ser a mais narrativa possível (SANGALLI; RINALDI, 2018).

Outro fator importante sobre as entrevistas são os tipos de fala que aparecem durante as entrevistas, a descrição, a argumentação e a narrativa. Essas formas se misturam durante a fala do entrevistado, e durante a análise é possível ressaltar os momentos que cada uma apareceu. A narrativa se caracteriza por ser o tipo de fala que “faz referência à sequência ou ao curso de acontecimentos concretos” (ROSENTHAL, 2014 p. 186), além disso, a narração de experiências próprias corresponde a, segundo Schütze:

[...] aqueles textos linguísticos independentes do agir concreto, tematicamente interessado, que mais se aproximam dele, e que reconstruem, em ampla dimensão, as estruturas do agir fático, também sob a perspectiva da recapitulação da experiência [...]. (SCHÜTZE, 1977, p. 1).

As narrativas, ainda, podem se apresentar de duas formas, como relatos ou estórias (ROSENTHAL, 2014). Os relatos consistem em uma versão mais resumida de uma narrativa enquanto as estórias revelam um detalhamento mais aprofundado.

Outro tipo de texto que surge durante as entrevistas são os argumentos, que se caracterizam por reflexões do falante sobre sua narrativa, e podem ocorrer tanto no interior quanto no exterior de seu relato. É nesse momento que o entrevistado reflete mais intensamente sobre suas ações e argumenta para convencer o ouvinte de algo e toma sua perspectiva atual como referência para esclarecer alguma questão (ROSENTHAL, 2014).

Já as descrições são consideradas os momentos mais estáticos da fala, o contrário de relatos. Ocorrem geralmente quando o entrevistado descreve situações rotineiras, que ele pode considerar de baixa importância e pouco detalhamento. De acordo com Rosenthal (2014):

Acontecimentos regularmente vivenciados costumam ser apresentados comprimidos no espaço de uma situação; ao passo que os elementos desse evento que se repetem são quase sempre descritos. Essa forma de descrição é denominada “situação condensada”. (ROSENTHAL, 2014, p. 186).

No momento final da entrevista, o entrevistador ainda pode perguntar ao entrevistado algum detalhe que possa ter faltado ou tema de interesse do pesquisador que ainda não tenha sido levantado. É importante lembrar que, se possível, as entrevistas podem ser feitas em mais de uma sessão, para justamente não sobrecarregar tanto o entrevistador quanto o entrevistado.

Essa forma de entrevista difere de outros tipos de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, que são utilizadas em pesquisas qualitativas. Ainda que outras formas de entrevistas tragam dados relevantes, uma grande vantagem da entrevista narrativa biográfica é a adoção fiel dos pressupostos teóricos de uma sociologia compreensiva que foca no sujeito.

Após essa fase da coleta de dados, o pesquisador deve transcrever o áudio da entrevista, que terá de ser gravada com o consentimento do parceiro de entrevista. Rosenthal sistematiza a transcrição através de códigos aplicados pelo pesquisador para adicionar ao texto corrido, sinais que demarcam a entonação de voz, pausas, alongamentos de palavras entre outras particularidades da fala que não ficariam expostas somente com o texto “normal” (SANGALLI; RINALDI, 2018).

3.3.2 Passos da análise

Após a condução de entrevistas narrativas partimos, então, para a análise. Os primeiros momentos após a entrevista consistem na redação do memo, citado anteriormente, e da transcrição da entrevista. Depois de termos o texto completo, iniciamos a reconstrução das biografias (ROSENTHAL, 2014), que segue os seguintes passos:

1) Análise sequencial dos dados biográficos, consiste em analisar o contexto de nascimento da pessoa, criando hipóteses abduativas sobre os possíveis rumos de ação.

2) Análise de campo temático e auto apresentação, consiste em criar novas hipóteses, agora considerando os temas apresentados pelo biografado, a forma como se apresenta e como recorda suas memórias e experiências.

3) Reconstrução da vida vivenciada, este passo busca reconstruir a história vivenciada do biografado com o objetivo de encontrar as razões biográficas, ou motivos por que (SCHÜTZ, 1962), de como os eventos biográficos foram vivenciados.

4) Microanálise, consiste em uma análise mais detalhada de trechos da entrevista que não estejam claros para o pesquisador e pode ser realizada a qualquer momento da análise.

5) Contraste da vida vivenciada e vida narrada. Consiste na junção da auto apresentação do entrevistado (passo 2) com a reconstrução da vida vivenciada (passo 3), permitindo ao pesquisador, compreender as regras, que diferenciam as duas “vidas”.

Após a realização de todos os passos, chegamos à criação tipológica, que consiste em identificar as diferentes interpretações que os biografados podem ter em relação ao problema de pesquisa. Este momento da análise configura a parte mais sociológica da metodologia, é quando será possível descobrir as generalizações teóricas das hipóteses abduativas criadas a partir dos fenômenos empíricos como proposto por Rosenthal (2014; 2017).

3.4 AMOSTRA E SATURAÇÃO TEÓRICA

O processo de coleta e análise dos dados em pesquisa qualitativa interpretativa, ao contrário de pesquisas quantitativas, que buscam uma significância estatística para fazer investigações, não necessita de uma quantidade elevada de casos para que tenha validade empírica e científica.

De acordo com o princípio de abertura, definido por uma lógica de descoberta, não é possível saber de antemão qual será o tamanho da amostra, uma vez que é o campo que nos permitirá descobrir quais casos terão relevância teórica para a pesquisa (ROSENTHAL, 2014). Além disso, é ao longo da pesquisa que conseguiremos descobrir quantos casos serão necessários, uma vez que a análise de dados não inicia somente após a coleta, mas sim, em paralelo, dando oportunidade de analisar a amostragem durante a pesquisa (ROSENTHAL, 2014). Essa forma de amostragem teórica encontra seus fundamentos, também, na teoria fundamentada de Glaser e Strauss (1967), que segue o mesmo princípio de uma amostra teórica fundamentada empiricamente.

Segundo Strauss:

A amostragem teórica é um processo no qual o pesquisador decide, analiticamente, quais dados deverão ser em seguida levantados e onde eles devem ser buscados. Eis sua questão fundamental: quais são os próximos grupos ou subgrupos de população, acontecimentos, ações (com o intuito de chegar a dimensões, estratégias etc. diferentes entre si) a que nos voltaremos na fase seguinte do processo, em curso, de levantamento de dados? E quais interesses teóricos estão por trás? Consequentemente, trata-se de um processo

de levantamento de dados controlado pela teoria, ainda em desenvolvimento. (STRAUSS, 1991, p. 70).

Aqui podemos identificar que, de acordo com Rosenthal, temos dois momentos de amostragem. O primeiro é aquele em que se entra ao campo e se busca descobrir quais biografias estão disponíveis para o pesquisador. Já na chamada segunda amostragem, está o momento de buscar, no campo, elementos que ainda possam faltar para se chegar na saturação teórica. Através de análises global e dos *memos* das entrevistas já realizadas, buscamos extrair a segunda amostragem para preencher possíveis lacunas.

A saturação teórica se configura, desta forma, com o final da amostragem. Após o pesquisador ir à campo, coletar entrevistas e paralelamente analisá-las, é capaz de determinar “quando não for mais possível encontrar novos fenômenos que modifiquem as perspectivas teóricas reconstruídas até ali ou que levem à construção de novos tipos, quando ocorrer repetição dos fenômenos que confirmem a atual concepção” (ROSENTHAL, 2014, p.103).

Dessa forma, a reconstrução de casos não termina quando atingimos um número qualquer de casos, mas sim quando não há novas descobertas a serem feitas, e essa saturação pode ocorrer em diferentes tempos, podendo ser logo no início da pesquisa, ou no final (ROSENTHAL, 2014)

É importante destacar o que significa, no contexto da pesquisa interpretativa, uma reconstrução de caso, e qual sua importância. Rosenthal (2014) atribui à reconstrução, o processo de se chegar à gênese das ações sociais feitas pelos sujeitos, através das biografias. Junto às reconstruções, também existe uma ideia de sequencialidade na análise dos dados, tomando cada parte do texto como única e em sequência às outras.

4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS: ENTREVISTAS E RECONSTRUÇÃO DE CASO

Ao longo da pesquisa, realizei entrevistas com 4 mulheres, duas mães e duas filhas de famílias distintas. A primeira família, composta por Viviane e Paula Borges¹,

¹ Os nomes das entrevistadas foram anonimizados

nasceram e vivem até hoje no interior do estado do Rio Grande do Sul. A segunda, com Márcia e Bianca Moura, são do litoral norte do estado.

As entrevistas ocorreram de maneira remota, através da plataforma do Google Meet. Esse cenário, pensado inicialmente em decorrência da pandemia COVID-19, acabou facilitando a realização das mesmas devido à distância geográfica das cidades em que moram as entrevistadas. O fato de serem realizadas online trouxe algumas reflexões.

As entrevistas online permitem uma maior abrangência de entrevistados para o futuro, agora que a maioria de nós, como sociedade, experienciamos a pandemia/quarentena em algum grau e com ela as novas formas de comunicação com as reuniões online, sejam de trabalho sejam de estudo, ampliam as possibilidades de pesquisa para o futuro.

Ainda, as entrevistas online no contexto da atual pesquisa, me ofereceram uma nova forma tanto do entrevistado quanto do entrevistador de se portarem. O entrevistado tendo a liberdade de não participar com o vídeo, o que presencialmente não ocorre, pode dar uma certa liberdade ao entrevistado, justamente nos momentos em que tratamos momentos sensíveis de sua narrativa. Já na minha posição como entrevistador, as entrevistas à distância funcionaram como uma nova oportunidade de aprendizado.

Um fator limitador das entrevistas remotas, no entanto, é a conexão com a internet. Ao mesmo tempo que entrevistas online permitem que se realize coleta de dados com pessoas que não estão no mesmo espaço geográfico, também requerem um mínimo de estabilidade na conexão, seja para não haver perda de material de análise, seja para evitar “constrangimentos” no momento da entrevista, como ter que pedir para o entrevistado se repetir continuamente – essa repetição por falta de clareza devido à conexão pode se tornar um momento constrangedor e que atrapalha o fluxo da entrevista. Afortunadamente, das quatro entrevistas realizadas, apenas em uma ocorreram dificuldades de conexão, porém, ao transcrever, não houve perdas significativas.

Em relação ao enquadramento da entrevista (GOFFMAN, 1986), foi possível criar um contexto que facilitou tanto ao entrevistador como à biografada compreender o objetivo da entrevista, o que permitiu que a narração da história oferecida, não

saísse do objetivo proposto para ela (especialmente em relação à minha posição como entrevistador, não houve dificuldade). Deste modo, as entrevistadas se sentiram confortáveis para compartilhar suas histórias de vida comigo, e tanto entrevistador como entrevistadas, compartilhamos do mesmo enquadre, sabíamos que se tratava de uma entrevista para fins acadêmicos.

Ao analisar de maneira geral as 4 entrevistas realizadas, a entrevista de Márcia e sua filha Bianca se mostraram promissoras para fazer a análise profunda da reconstrução de caso. Em especial, a biografia de Márcia foi escolhida para ser reconstruída por ser a mãe, oferecendo mais riqueza em sua trajetória. A entrevista com a filha Bianca é utilizada como documento de apoio para identificar contrastes geracionais e de interpretação entre mãe e filha.

A seguir, trago a reconstrução da biografia de Márcia, a partir de todos os passos de análise elencados anteriormente.

4.1 DADOS BIOGRÁFICOS DE MÁRCIA

Márcia nasceu em 1980 na região metropolitana de Porto Alegre, a quarta mais velha entre 8 irmãos, filha de motorista e de dona de casa, em uma família, possivelmente, de classe média baixa. Márcia aos 3 anos se mudou para o litoral. Conheceu o pai de sua filha aos 16 anos com quem conviveu por mais ou menos 20 anos. Ao descobrir sua gravidez, Márcia é expulsa de casa pelos seus pais e passa a morar com o parceiro e os sogros.

Após o nascimento da filha Bianca, durante um período de 10 anos, Márcia fica em casa cuidando da criança e somente após esse período ela passa a voltar a estudar, ingressando na faculdade de Direito. Em 2016 Márcia se divorcia do pai de Bianca e as duas passam a morar sem o pai de Bianca. Em 2020 Márcia assume um novo relacionamento e volta a casar-se.

Os dados biográficos de Márcia representam momentos de sua biografia onde há o mínimo de “interferência interpretativa” da biografada (ROSENTHAL, 2014), são dados pontuais a respeito de sua trajetória. Além disso, estão elencados momentos históricos relevantes para contextualizar a situação socioeconômica do país. Abaixo, apresento os dados biográficos de Márcia cotejados pelos dados históricos considerados pertinentes para a análise:

Quadro 1 – Dados biográficos de Márcia

Dados biográficos e históricos
1. 1980 – Nascimento de Márcia na região metropolitana de Porto Alegre
2. 1983 ~ Mudança para o litoral norte do Rio Grande do Sul
3. 1987 ~ Escolarização, ingressa na primeira série
4. 1991 ~ 1992 Fim do ensino primário, início do ensino fundamental
<i>5. 8. 1994 – Implementação do Plano Real</i>
6. 1996 ~ 1997 Fim do ensino fundamental, início do ensino médio
7. 1996 – Conhece o primeiro marido
8. 1999 – Fim do ensino médio
9. 1999 – Márcia fica grávida de Bianca aos 19 anos
10. 1999 ~ 2000 Márcia sai da casa dos pais
11. 2000 ~ Aluga um apartamento pequeno
12. 2000 ~ Mudança para a casa do sogro
13. 2000 – Nascimento da filha Bianca
<i>14. 2003 – 2011 Presidência Lula</i>
<i>15. 2003 – Programa Bolsa Família</i>
16. 2010 – Ingresso no ensino superior no curso de Direito
17. 2016 ~ Separação/divórcio de Mateus
18. 2020 ~ Novo casamento com Pedro

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)²

Este primeiro passo de análise se dedica em focar a atenção aos dados biográficos da entrevistada. Consiste em analisar o contexto do nascimento da pessoa, não somente o familiar, mas também o contexto histórico-social do local de nascimento.

Aqui, o pesquisador deve analisar os dados biográficos objetiva e cronologicamente, independentemente de como tenham sido apresentados pelo

² Quando na entrevista a data é identificável, utiliza-se (-). Quando a data é uma aproximação, utiliza-se (~).
 Datas em itálico, representam as datas históricas.

biografado, criando hipóteses abduativas (PEIRCE, 1980) sobre a vida vivenciada, estabelecendo uma hipótese estrutural central da biografia (SANGALLI; RINALDI, 2018).

Conforme Sangalli e Rinaldi:

Esse tipo de análise é importante porque informa o pesquisador a respeito da estrutura da ação do biografado. Ou seja, através da análise sequencial dos dados biográficos e da geração de hipóteses abduativas, é possível adquirir conhecimento a respeito dos cursos de ação que se apresentaram perante o indivíduo em determinado momento de sua vida e que foram escolhidos em detrimento de outras alternativas. (SANGALLI; RINALDI, 2018, p. 119).

Os dados biográficos também devem ser analisados individualmente e desconsiderando as interpretações dos dados pelo entrevistado e o nosso conhecimento sobre o resto da biografia do biografado (ROSENTHAL, 2014).

Rosenthal (2014) propõe ainda, nesta primeira etapa, a criação de um genograma familiar, para conseguir ilustrar a estrutura familiar e perceber como algum elemento, como a crença religiosa por exemplo, pode ter sido geracional e afeta a socialização do biografado (SANGALLI; RINALDI, 2018).

A seguir, trago a formulação das hipóteses relacionadas ao primeiro dado biográfico de Márcia, o seu nascimento.

Quadro 2 – Hipóteses do nascimento de Márcia³

1. Nascimento de Márcia na região metropolitana de Porto Alegre (1980)
1.1 Márcia nasce em uma família em condições financeiras estáveis.
1.1.1 Márcia não precisa se preocupar em trabalhar.
1.1.2 Márcia tem uma infância “regular”.
1.1.3 Márcia ingressa na vida escolar no tempo esperado.
1.1.4 Apesar da hiperinflação, os pais não passam dificuldades financeiras.
1.1.5 Márcia desenvolve amizades com os colegas da escola.
1.2 <i>Márcia nasce em uma família com dificuldades financeiras.</i>
1.2.1 <i>Recursos econômicos são escassos, Márcia faz as refeições básicas.</i>
1.2.1.1 <i>Sofre de desnutrição e fica frequentemente doente.</i>
1.2.2 <i>Acesso precário à moradia, Márcia tem frequentes problemas de saúde.</i>

³ Hipóteses em itálico representam contra hipóteses

1.2.3	<i>O ambiente familiar é conflituoso, Márcia presencia frequentemente brigas e discussões dos pais.</i>
1.2.3.1	<i>Fica ansiosa diante de possíveis conflitos entre pessoas.</i>
1.2.3.2	<i>Tem dificuldade de se concentrar e no aprendizado.</i>
1.2.3.3	<i>Evita entrar em conflitos com as pessoas, assume uma postura passiva nas suas relações.</i>
1.2.3.4	<i>É uma criança com muitos medos, chora muito.</i>
1.2.3.5	<i>Se isola diante de pessoas desconhecidas.</i>
1.2.3.6	<i>Márcia é agredida fisicamente pelos pais como forma de punição.</i>
1.2.3.7	<i>Márcia é agredida psicologicamente pelos pais como forma de punição.</i>
1.2.3.8	<i>Os irmãos se agredem fisicamente.</i>
1.2.3.9	<i>Márcia disputa com os irmãos os poucos recursos disponíveis.</i>
1.2.3.10	<i>Os irmãos se apoiam mutuamente.</i>
1.2.4	<i>Os pais dão pouca atenção para Márcia.</i>
1.2.4.1	<i>Ela aprende cedo a tornar-se independente.</i>
1.2.4.2	<i>Tem dificuldade de desenvolver autonomia.</i>
1.2.5	<i>Cresce num ambiente conservador e adota práticas conservadoras típicas de meninas: limpar a casa, cuidar dos irmãos, cozinhar etc.</i>
1.2.6	<i>Márcia é fruto de uma gravidez indesejada.</i>
1.2.7	<i>Márcia precisa começar a trabalhar desde uma idade pequena.</i>
1.2.8	<i>Márcia é cuidada pela família extensa devido à necessidade de os pais trabalharem longas horas.</i>
1.2.9	<i>Márcia não frequenta a escola regularmente</i>
1.2.9.1	<i>Márcia não completa o ensino fundamental.</i>
1.2.10	<i>Márcia ressentida os pais pela situação financeira.</i>
1.2.11	<i>Márcia foge de casa para morar com outros parentes.</i>
1.3	<i>Márcia cresce aos cuidados da mãe e na presença da irmã.</i>
1.3.1	<i>Desenvolve vínculo afetivo com a mãe.</i>
1.3.2	<i>A mãe é a sua principal referência.</i>
1.3.3	<i>Recebe pouca atenção da mãe.</i>
1.3.3.1	<i>As irmãs disputam a atenção da mãe.</i>
1.3.3.2	<i>Desenvolve forte concorrência com a irmã.</i>
1.3.4	<i>Não consegue desenvolver vínculo afetivo com a mãe.</i>
1.3.4.1	<i>Desenvolve vínculo com outro adulto.</i>
1.3.5	<i>Brinca com a irmã.</i>
1.3.6	<i>Cresce num ambiente conservador e adota práticas conservadoras típicas de meninas: limpar a casa, cuidar dos irmãos, cozinhar etc.</i>
1.4	<i>Márcia cresce aos cuidados da avó materna/paterna.</i>

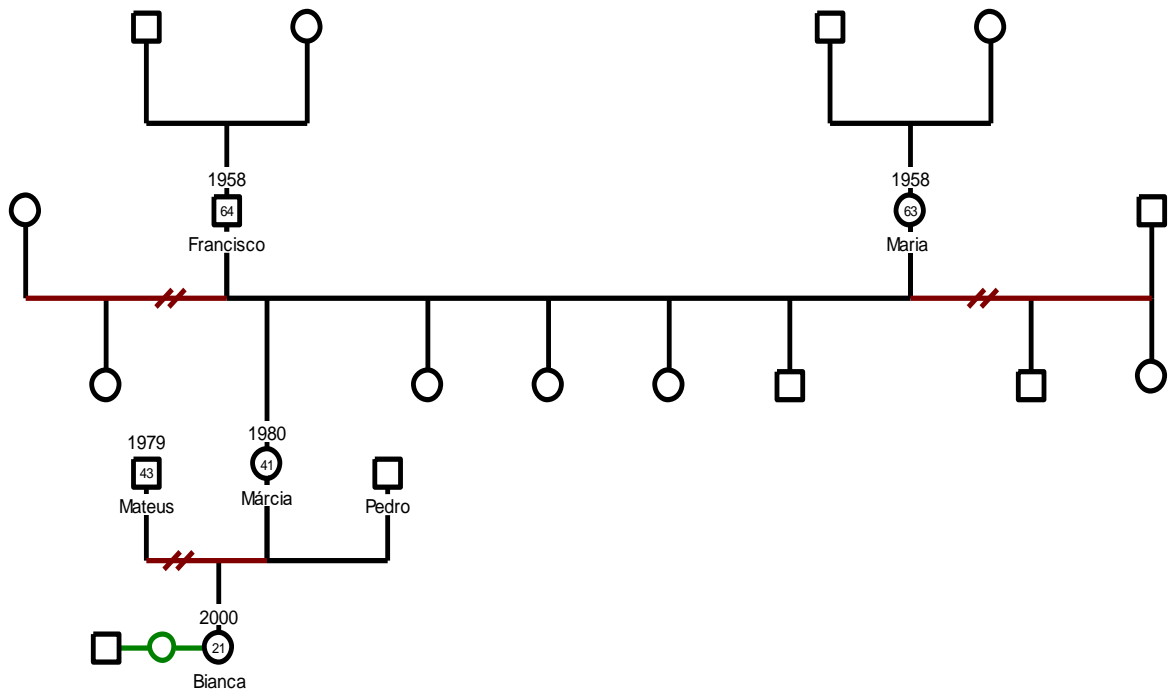
1.4.1	A avó se torna a sua principal referência.
1.4.1.1	Recebe apoio emocional da avó para lidar com as adversidades do dia a dia.
1.4.1.2	Márcia não constrói vínculo afetivo com os pais. Se distancia emocionalmente deles.
1.4.2	Cresce num ambiente conservador e adota práticas conservadoras típicas de meninas: limpar a casa, cuidar dos irmãos, cozinhar etc.
1.4.3	Gosta de estudar e de ir à escola.
1.4.4	Como a avó é muito autoritária, ela não aceita os ensinamentos da avó e entra em conflito com ela.
1.4.4.1	Não constrói vínculo com a avó.
1.4.4.2	Quando tem mais autonomia, não frequenta mais a casa da avó.
1.5	Márcia nasce em um bairro de periferia.
1.5.1	Acesso precário à saúde, os pais levam a filha pouco para atendimento médico.
1.5.2	<i>Márcia não visita a escola infantil, não tem acesso ao ensino formal.</i>
1.5.3	Fica aos cuidados da mãe/da avó em casa.
1.5.4	Fica aos cuidados de uma outra cuidadora.
1.5.5	Márcia visita a escola infantil, tem acesso ao ensino formal
1.6	A gravidez de Márcia foi planejada.
1.6.1	Os pais de Márcia estavam estruturados para receber um bebê.
1.6.2	Os pais de Márcia “atuavam” nos papéis “tradicionais” da época, o pai trabalha e a mãe cuida dos filhos/casa.
1.6.3	Márcia é recebida com afeto.
1.6.4	Márcia desenvolve um bom relacionamento com os pais.
1.7	<i>A gravidez de Márcia não foi planejada.</i>
1.7.1	<i>Os pais de Márcia não tinham condições para cuidar de um bebê.</i>
1.7.2	<i>Os pais de Márcia precisam do apoio da família extensa.</i>
1.7.3	<i>Os pais de Márcia são negligentes com o bebê.</i>
1.7.4	<i>Os pais de Márcia buscam pessoas para cuidar do bebê.</i>
1.7.5	<i>Os pais de Márcia colocam o bebê para adoção.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Conforme demonstrado acima, um dos objetivos desse primeiro passo de análise é suspender o conhecimento sobre o resto da biografia da entrevistada e trilhar possibilidades de ação a partir do contexto do nascimento de Márcia, tendo em consideração o momento histórico e a situação social.

Exemplifico a seguir o genograma da família de Márcia, a partir de dados fornecidos pela própria entrevistada.

Figura 1 – Genograma de Márcia



Fonte: Elaborado pelo autor no Genopro (2022)

Analisando o genograma de Márcia é possível identificar as separações como repetição geracional. Tanto ambos os pais dela quanto a própria Márcia, tiveram rupturas com o primeiro casal e tiveram um novo casamento. Márcia teve a sua filha Bianca da sua primeira união com Matheus e não teve mais filhos no segundo casamento com Pedro.

4.2 APRESENTAÇÃO E CAMPO TEMÁTICO

Após a transcrição da entrevista e da criação das hipóteses sobre a biografia, é preciso, ao analisar o texto detidamente, identificar e ressaltar quais foram os temas mais relevantes que o entrevistado apresentou ao longo de sua fala. Além disso, encontra-se aqui, através de Rosenthal (2014), a teoria de Aron Gurwitsch, que baseia os conceitos de campo temático na sua teoria da *Gestalt* (forma), muito utilizada na psicologia. O conceito de Gestalt diz respeito às formas como o entrevistado organiza cognitivamente as lembranças das suas memórias e experiências, assim como seu

caráter mutável ao longo do tempo. Além disso a Gestalt também constitui a forma geral da auto apresentação.

Na presente fase de análise da entrevista o pesquisador observa como o entrevistado apresentou, no presente, a gênese de sua narrativa biográfica. De acordo com Rosenthal:

Nessa fase da investigação, a análise busca, antes, os motivos que levam o entrevistado – seja consciente de suas intenções ou então conduzindo o tema de modo latente – a relatar os acontecimentos dessa e não de outra forma. (ROSENTHAL, 2014, p. 236).

Nesta fase é importante que ocorra também a distinção dos tipos de texto apresentados acima (narrativa, descrição, argumentação), e seguir com o exercício de criação de hipóteses sobre a auto apresentação dos entrevistados, e de cada uma das hipóteses derivam hipóteses subsequentes e contra hipóteses sobre a biografia que no decorrer da análise serão confirmadas, refutadas ou modificadas (ROSENTHAL, 2014; SANGALLI; RINALDI, 2018).

Outros conceitos relevantes que surgem nesta etapa são os conceitos de tema e de campo temático, inicialmente desenvolvidos por Aron Gurwitsch (2010). Durante a entrevista, o entrevistado, ao relatar sua vida, traz temas que podem ser considerados como acontecimentos específicos que se relacionam com emoções, por exemplo, uma pessoa que muda de apartamento. Essa mudança configura o tema e o campo temático se relaciona com as emoções que o entrevistado liga ao tema, que pode ser um sentimento de alegria ou perda. (ROSENTHAL, 2014). Junto aos temas e os campos temáticos, os sistemas de relevância de Alfred Schütz (1973), também se mostram presentes aqui através do relato. Em contraste aos temas levantados, durante a análise também é possível investigar sobre temas não abordados (ROSENTHAL, 2014).

A maneira como o entrevistado enquadra (GOFFMANN, 1986) sua entrevista nos permite saber, de acordo com Rosenthal:

[...] quais os campos temáticos são de fato estruturados, quais partes – que venham a surgir dentro desse campo – serão apenas sugeridas ou então sequer trabalhadas, e também quais domínios serão evitados. Ficará claro para nós a) quais temas não serão abordados, embora eles sejam co-presentes – independente da perspectiva do entrevistado -, e b) como o falante estrutura suas vivências em determinado campo temático e evita outros enquadramentos possíveis. (ROSENTHAL, 2014, p. 237).

Aqui também está relacionado o conceito de sistemas de relevância de Schütz (1973), de maneira que é possível, através da vida narrada, além de perceber os campos temáticos, os sistemas de relevância dos biografados. A forma como os entrevistados se apresentam, deixará claro o quê, em suas histórias de vida faz mais sentido, e o que não foi apresentado oralmente, mas aparece posteriormente na análise dentro do enquadre (GOFFMAN, 1986) da biografia.

A seguir, apresento qual foi o interesse de apresentação de Márcia durante o relato inicial da entrevista biográfica.

O interesse de apresentação inicial de Márcia foi apresentar sua vida de forma breve e com um baixo nível de detalhamento a entonação da sua voz é plana, sem demonstrar através de elementos paralinguísticos emoções vivenciadas enquanto narra sua história de vida. Márcia utilizou cerca de 5 minutos para sua fala, e utilizou predominantemente argumentos e descrições para falar de sua história de vida. Ela apresenta sua biografia com foco na busca por estabilidade, na filha, nas experiências que teve em volta à sua gravidez e seu relacionamento com o pai de sua filha, Bianca.

O campo temático (GURWITSCH, 2010; ROSENTHAL, 2014; 2017) da entrevista de Márcia consiste numa busca por estabilidade após uma infância de alta instabilidade. Os temas que compõem esse campo temático podem ser determinados como “o desejo de não ser mãe”, “o tornar-se mãe biológica”, “custo relacional-familiar de ser mãe solteira” e “estabilidade”. A temática referente ao dinheiro não é trazida espontaneamente por Márcia nesse primeiro momento da entrevista. Somente aparece ao falar do casamento e das razões pelas que ocorre o divórcio.

Ao longo da análise dos trechos da entrevista com os dados biográficos fica claro que o interesse de apresentação e a *Gestalt* da biografia de Márcia se dá ao redor de quatro temas: a gravidez, a faculdade, a separação do pai de Bianca, e seu novo casamento. Márcia decorre mais sobre esses temas na fase de aprofundamento da entrevista e utiliza majoritariamente as falas narrativas e argumentativas.

Durante a apresentação inicial, Márcia descreve momentos que são marcantes em sua biografia de maneira breve e sem muitos detalhes, por exemplo, sua relação conturbada com os pais, quando saiu de casa quando estava grávida “a convite” dos pais e sua separação do pai de Bianca depois de quase 20 anos de relacionamento. Márcia foca sua apresentação na filha, dando ênfase à relação mãe-filha e ao desejo de tornar-se uma boa mãe após o descobrimento da gravidez indesejada.

Márcia utiliza principalmente argumentos durante sua fala inicial, sempre dando indícios de avaliação sobre o seu passado, descrevendo os momentos mais difíceis de sua trajetória e em seguida buscando explicações para tais eventos ou para a forma como reage a esses eventos. A constante argumentação sobre sua história de vida pode representar o enquadramento da entrevista (GOFFMAN, 1986), sabendo que se trata de uma entrevista com propósitos acadêmicos e sem saber o objetivo específico da entrevista, Márcia reage a isso falando de forma curta sobre sua história de vida. O desconhecimento dessa forma de entrevista biográfica é capaz de fazer com que a biografada se sentisse “sem rumo” ou então pensar que não é necessário entrar em todos os detalhes de sua vida no primeiro momento. Por mais que Márcia com 40 anos certamente tenha muito a dizer, a trajetória de vida dela é apresentada de forma condensada, somente durante todo o processo da entrevista, em que o entrevistador pede detalhes sobre os assuntos levantados pela biografada, é que Márcia passa a narrar mais os diversos eventos da sua vida.

O interesse de auto apresentação de Márcia parece consistir em explicitar que sua vida teve vários momentos de dificuldade e que ela ao longo de sua história de vida busca, mais do que outros possíveis objetivos, duas coisas, estabilidade e “ser uma boa mãe”. Essa estabilidade pode partir da infância vista por Márcia como sendo “sem estrutura e amor” e sua busca por não fazer a filha passar por esse tipo de dificuldade, por isso, mantém-se no relacionamento por quase 20 anos, para poder dar esse senso de estabilidade tanto para si quanto para sua filha. Apenas após um período de 8 anos de esforço para manter o casamento com o pai de Bianca, Márcia enfim rompe a relação. A estabilidade, no entanto, volta a ser um objetivo a ser alcançado, quando Márcia após o término, começa a desenvolver outro relacionamento que leva a um novo casamento.

Já “o desejo de não ser mãe” e “o tornar-se uma boa mãe biológica” só é explicado quando retomamos o tema da gravidez na fase de aprofundamento da entrevista. Nesse momento, Márcia narra sobre o período em que descobriu que estava grávida como um momento de grande dificuldade por já ter expressado o desejo de não querer ter filhos. Ela apresenta nesse momento uma decisão difícil de realizar um aborto numa fase já avançada da gravidez, inclusive indo ao local que lhe indicaram para fazer o procedimento. Márcia descreve que sentiu o bebê mexer na barriga e imediatamente desiste da decisão do aborto, volta para casa e assume a

gravidez. Por ter enfrentado uma decisão pesada como um aborto, que possivelmente teria implicações graves de saúde se o tivesse feito, Márcia passa a dedicar toda sua atenção a “tornar-se uma boa mãe biológica”.

Um fator importante da biografia de Márcia são as experiências que ela teve com os pais, na sua infância. Márcia descreve o casal como alcoólatras e ciumentos um do outro, o que gerou brigas constantes na casa. Além disso, ela apresenta sua primeira infância sendo de baixos recursos econômicos, conseguindo inclusive reconhecer uma condição de “ser pobre”. As brigas constantes do casal e o papel de cuidadora que assume com as irmãs mais novas, contribuem para uma interpretação de que sua realidade é instável. A partir dessas experiências conturbadas na infância é possível identificar na sua vida adulta as tentativas de romper com essa visão de instabilidade, representada no casamento que dura 20 anos e no novo casamento logo após o divórcio com o pai de Bianca. Ainda, o desejo de ser uma boa mãe aparece como uma consequência dessa busca por estabilidade, sendo foco de Márcia manter a unidade familiar pelo maior período possível.

Ao longo da análise dos trechos da entrevista com os dados biográficos fica claro que o interesse de apresentação e a *Gestalt* da biografia de Márcia se dá ao redor de quatro temas: a gravidez, a faculdade, a separação do pai de Bianca, e seu novo casamento. Márcia decorre mais sobre esses temas na fase de aprofundamento da entrevista e utiliza majoritariamente as falas narrativas e argumentativas.

4.3 RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA VIVENCIADA

O objetivo deste passo analítico consiste em reconstruir a vida vivenciada da biografada (ROSENTHAL, 2014; 2017), a partir dos dados biográficos da entrevistada e dos trechos na entrevista em que esses dados são mencionados e como são tratados. Busca-se entender como a biografada vivencia os momentos biográficos, também através das hipóteses abduativas construídas no primeiro passo da reconstrução de caso (ROSENTHAL, 2014).

Márcia nasceu em 1980 na região metropolitana de Porto Alegre. Ela nasce em uma família possivelmente de classe média baixa. Os pais de Márcia já tinham filhos de casamentos anteriores e Márcia é a primeira filha desse casamento entre seus pais Francisco e Maria. Aos 3 anos de idade após uma briga entre o casal, Maria decide

entregar as crianças para parentes e amigos e passa a morar no litoral perto de sua mãe.

Em seguida, Francisco, não se sabe quanto tempo depois, começa a reaver os filhos e vai para o litoral para voltar a viver com Maria. Aqui podemos pensar nas hipóteses dos dados biográficos em relação a esse evento como pode ter sido vivenciado por Márcia. A hipótese de que a mudança decorre de problemas afetivos entre o casal se confirma. Pode-se inferir, apesar de não ter sido dito, que, de certa forma, que existe uma problemática financeira nessa separação, o que se evidencia no fato de que Maria não deixa os filhos reunidos. Outra possibilidade pode ser por uma falta de rede de apoio extensa que pudesse cuidar de 4 crianças ao mesmo tempo no mesmo lugar. Se rejeitam as hipóteses em que os avós das crianças têm um papel de cuidado das crianças nesse momento de separação dos pais e não há evidências que possamos usar para confirmar ou rejeitar as hipóteses sobre uma possível venda do imóvel em que moravam, ou sobre pedir empréstimos ao banco.

A infância de Márcia é apresentada como um período difícil e de poucos recursos em que Francisco recorre a várias atividades para conseguir sustentar a família. A família é composta de 10 pessoas, o pai e a mãe e 8 filhos, Márcia é a quarta filha e a primeira do casamento entre seus pais. Durante a fala inicial de Márcia, a família e seus contextos financeiros e relacionais, não são apresentados detalhadamente, somente na fase de aprofundamento da entrevista, Márcia começa a apresentar mais informações sobre seu contexto familiar.

Na segunda fase da entrevista Márcia então passa a narrar os acontecimentos marcantes de sua infância, todos eles relacionados a dificuldades financeiras e conflitos familiares, inclusive relatando momentos de violência física do pai para com filhos. Devido ao fato que Márcia não relata um evento biográfico específico sobre sua infância, apenas apresentando o período de forma curta na apresentação inicial, não é possível formular hipóteses sobre como esse período foi vivenciado, apenas sabemos que de forma geral Márcia o apresenta como sendo de dificuldades, atritos familiares e de violência física. Ainda, durante a fase de aprofundamento, Márcia relata que já desde a sua infância tem o desejo de não ser mãe, por sentir-se responsável pelas irmãs mais novas e desempenhando um papel de cuidadora.

Márcia não relata sua vida escolar quando perguntada sobre sua infância, mesmo podendo ser um tema relevante nos primeiros anos de vida. Tampouco a menciona quando perguntada sobre sua gravidez que ocorreu logo após o final do ensino médio. Márcia passa a falar com mais detalhes a partir da gravidez e depois sobre a vida adulta.

A gravidez de Márcia é o evento mais marcante de sua biografia. Engravidando logo após o final do ensino médio e, dessa forma, interrompendo o que poderia ser um ciclo acadêmico “regular” de ingresso ao ensino superior e posteriormente o ingresso ao mercado de trabalho, Márcia expressa o seu desejo de nunca querer ser mãe biológica, que já se faz presente desde a infância e adolescência.

Os primeiros 5 meses de gravidez passaram sem Márcia perceber, dessa forma não toma o devido cuidado pré-natal, confirmando as hipóteses levantadas de que a gravidez era indesejada, e que Márcia não cuidou da gravidez de forma “regular”. Márcia cogita realizar um aborto já em um estágio avançado da gravidez, que possivelmente teria consequências negativas graves para sua própria saúde, porém, mesmo sabendo dos riscos Márcia decide tentar o aborto, apenas desistindo quando sente o bebê chutar a barriga. Após esse momento, Márcia desiste do aborto, decide manter o bebê e a partir de então, todo o interesse de Márcia é ser uma boa mãe para sua filha Bianca. Ao mesmo tempo, após a aceitação da gravidez, Márcia passa a ter o apoio do parceiro e da família dele. A maior falta de apoio no momento de gravidez se deu quando os pais de Márcia a expulsam de casa, rejeitando a hipótese de que Márcia tem o apoio da própria família.

O período entre a aceitação da gravidez e o nascimento de Bianca, a vida de Márcia teve algumas mudanças. Após descobrir que estava grávida, os pais de Márcia a expulsam de casa, o que rejeita a hipótese de que Márcia teve apoio dos pais durante a gravidez. Além disso, Márcia passa a viver em 3 lugares diferentes durante esse período, primeiro em um apartamento alugado, depois na casa do parceiro junto com as cunhadas e sogro e, finalmente, antes de Bianca nascer, Márcia e Mateus alugam outro apartamento. Esse período da vida de Márcia é relatado brevemente sem muitos detalhes, apenas em passagens curtas. As hipóteses para esse período confirmam que Márcia viveu esse momento com o apoio somente da família de seu parceiro, e são rejeitadas as hipóteses em que Márcia teve ajuda dos pais, da família extensa própria e de amigos, também não fica claro quais outras fontes de ajuda

Márcia poderia ter utilizado, mas é pouco provável que tenha sido além da família de Mateus.

O nascimento de Bianca é o momento que, como explicitado por Márcia: “*eu nasci porque foi quando eu comecei a vê valor na vida e comecei a ir buscar as coisas que eu desejava*” (Transcrição, p. 1, linhas 3-4). Esse evento da biografia de Márcia, ao mesmo tempo que representa, possivelmente, o momento de maior estabilidade, emocional e financeira, também é apresentado como uma pausa na vida social e profissional de Márcia, que dentro dos seguintes 10 anos ela se dedica exclusivamente aos cuidados da criança.

Durante a fala, Márcia utiliza principalmente argumentações, o que indica seu desejo de se ser percebida como uma boa mãe. Analisando as hipóteses formuladas para este período, é possível confirmar que Márcia é a principal cuidadora do bebê e que a família dela esteve ausente nesse cenário, ainda, rejeitam-se as hipóteses de que ela é negligente com a criança e que o nascimento serve para unir as famílias. Márcia se coloca como cuidadora principal e mesmo existindo uma rede de apoio representada pela família do parceiro, não há indícios que a rede é acionada.

Quando Bianca completa 10 anos Márcia decide voltar às atividades fora da casa e começa a cursar direito. Esse período vivenciado por Márcia é relatado, majoritariamente de narrativas e argumentações. A decisão de cursar direito é interpretada por Márcia como uma possibilidade de ser uma pessoa útil para a sociedade, porém, como relatado por ela, é uma causa frustrada por vivenciar um ambiente acadêmico entendido como difícil.

Outra questão importante para este período é a vontade dela de trocar de curso do direito para psicologia, e a decisão de não trocar é, como relatado por ela: “*o maior arrependimento da minha vida*” (Transcrição, p. 12, linhas 4-5). São confirmadas as hipóteses de que Márcia se dedica o máximo possível à faculdade, e se confirma que Márcia busca algum tipo de carreira pública por depois de se formar estar estudando para concursos públicos. Se rejeitam as hipóteses de que Márcia busca advocacia pois é relatado que não era mais esse seu desejo e, ainda, não há evidências para confirmar ou rejeitar de que Márcia tenha que trabalhar para pagar a faculdade.

O seguinte dado biográfico a ser analisado é a separação de Márcia de Mateus. Aqui podemos enxergar um dos dois focos de apresentação de Márcia, a estabilidade.

Essa relação que dura 20 anos é entendida por Márcia como uma forma de enxergar um lado melhor da vida: *“aquela pessoa me trouxe referência pra vida me trouxe referências boas e:: foi, inspiração e motivação pros meus dias”* (Transcrição, p. 7, linhas 19-21). Junto com a intenção de ser uma boa mãe, Márcia também prioriza a estabilidade do relacionamento com Mateus, somente decidindo romper a relação quando ocorre uma desilusão em relação ao marido. Márcia identifica essa ruptura inicial em 2012, momento em que decide também largar a faculdade para cuidar do relacionamento e não fica explícito quando retoma os estudos.

Dessa forma, por um período de 8 anos Márcia busca manter o casamento com Mateus. Esse período de sua vida é relatado principalmente com argumentações e narrativas longas, sendo um dos momentos que Márcia mais fala na entrevista. Em relação às hipóteses construídas para esse dado biográfico se confirmam as hipóteses de que é Márcia que busca o divórcio e que, de certa forma, o divórcio não é uma decisão fácil pois demora a ser finalizado. Durante o casamento, os padrões de despesa compartilhados, tomar as decisões de como se realizam os gastos (COELHO, 2013) pode-se pensar que é uma das formas em que Márcia garante seu bem-estar pessoal e familiar. É no casamento, antes de se chegar à idade da aposentadoria, que os casais conseguem consolidar suas finanças e garantir o futuro.

Havendo um momento da relação em que, por motivos financeiros, Márcia e Mateus precisam dividir a mesma casa mesmo depois do término: *“levo ainda uns 6 meses pra consegui e nesse período todo a gente não vivia como marido e mulher, ã:: mas morava na mesma casa”* (Transcrição, p. 10, linhas 15-17). Se rejeita a hipótese de que o divórcio parte do marido. O que não é possível confirmar ou rejeitar é o envolvimento da filha durante esse processo, ainda, não foi explicitada qualquer decisão relacionada à guarda da filha no momento do divórcio.

O último dado biográfico da entrevista com Márcia refere-se ao seu novo relacionamento e casamento com Pedro. A fala de Márcia sobre o novo relacionamento é novamente marcado predominantemente de argumentações e narrativas. Esse momento da biografia de Márcia é vivenciado por altos e baixos em uma relação instável, com diversos momentos de terminos entre Márcia e Pedro. No entanto, repetindo a intenção de estabilidade, Márcia prioriza o novo relacionamento por interpretar que aquela pessoa traz mais coisas positivas que negativas: *“eu joguei <todas as minhas fichas> nesse relacionamento com o Pedro, porque ele a gente*

tinha muitas afinidades porque a gente se dava bem porque a gente era super amigo porque ã:: tudo que eu gostava de fazer ele gostava de fazer também” (Transcrição, p. 14, linhas 24-27). Dessa forma, mesmo diante de um relacionamento que apresenta diversos momentos de “brigas” entre Márcia e Pedro, ela busca a estabilidade, neste momento possivelmente, mais emocional do que financeira. As hipóteses levantadas para esse dado biográfico do novo relacionamento se confirmam, pelo fato de que Márcia tem algum grau de dificuldade em desenvolver o novo relacionamento e que ela demora até ganhar confiança no novo parceiro. Ainda, não existem evidências sobre o relacionamento entre Pedro e Bianca, não podendo assim confirmar ou rejeitar as hipóteses levantadas sobre essa relação.

Analisando quantas vezes os dados biográficos são trazidos pela biografada ao longo da entrevista, o seu nascimento é mencionado ao começo da fase inicial, já na fase de aprofundamento Márcia fala sobre sua infância. Márcia fala sobre a mudança de Canoas para Osório apenas depois de um novo contato para esclarecer esse ponto.

Márcia fala sobre seus irmãos brevemente no início da entrevista e os menciona poucas vezes ao longo da fase de aprofundamento. A exceção é seu irmão mais novo, que aparece com um pouco mais de destaque na fase de aprofundamento.

Márcia fala sobre a gravidez uma vez na apresentação inicial e uma vez mais na fase de aprofundamento quando perguntada sobre esse evento. Márcia fala sobre a separação na fase inicial e discorre bastante na fase de aprofundamento. Márcia fala sobre a faculdade na primeira fase da entrevista e discorre bastante sobre o tema na segunda fase. O último evento levantado por Márcia na fase inicial é seu novo casamento e ela discorre sobre ele detalhadamente na fase de aprofundamento. De forma geral, a biografada falou mais sobre a faculdade, a separação e o novo casamento, sendo esses os 3 trechos mais longos da entrevista.

4.4 CONTRASTE DA VIDA VIVÊNCIADA COM A VIDA NARRADA

O contraste da vida vivenciada e da vida narrada constitui no passo final de uma reconstrução de caso. Aqui busca-se fazer uma análise desagregada das diferentes perspectivas do relato do entrevistado (SUSIN, 2014). Consiste na junção da auto apresentação do entrevistado (passo 2) com a reconstrução da vida

vivenciada (passo 3), permitindo ao pesquisador, compreender as regras, que diferenciam as duas “vidas”. É uma figura geral da reconstrução e permite uma sistematização e contraste entre as diversas fases de análise (SANGALLI, RINALDI, 2018).

De acordo com Rosenthal:

[...] o contraste nos ajuda a descobrir a origem da diferença entre o narrado e o vivenciado. Nesse sentido, também vale procurar descobrir quais experiências biográficas estão por trás do relato deste ou daquele acontecimento. (ROSENTHAL, 2014, p. 248).

A seguir serão apresentados momentos marcantes da biografia de Márcia em que, através do contraste entre o vivenciado e o narrado, permite compreender a interpretação de Márcia sobre o seu passado no presente da entrevista.

4.4.1 Infância e instabilidade

A infância de Márcia é marcada de momentos de instabilidade, como apresentados por ela. Ter nascido na família em que nasceu parece ter sido algo que Márcia busca constantemente se afastar e modificar na vida adulta. Através de experiências com os pais alcoólatras de abuso emocional e físico, Márcia assume um papel de cuidadora com as irmãs mais novas.

[...] os dois eram alcoólatras brigavam muito morriam de ciúmes um do outro então viviam brigando, desde muito cedo eu lembro de aparta as brigas, ã eu odiava mora onde eu morava mora com os meus pais eu odiava te nascido naquele mundo, ã: em al- uma fase da vida já lá pelos 8 anos eu já batia pé que eu não queria saí com eles pra lugar nenhum porque eu morria de vergonha e não era vergonha de se pobre porque isso eu nunca tive vergonha eu tinha vergonha era deles específicos por=por serem barulhentos fiasquentos e: por viverem bêbados, eles eram bastante violentos mas assim com a gente acabo:: a ap- m- perto dos 10 anos que o Francisco se permitiu bate nos filhos, porque daí já tinha idade pra apanha [...] (Transcrição, p. 2, linhas 12-21).

Crescer numa família com alcoolismo constitui uma família disfuncional. Os pais, voltados para a sua própria maneira de encarar sua vida, em muitas ocasiões esquecem de olhar para as necessidades dos filhos. É comum que as famílias disfuncionais fiquem presas no seu desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo (STANTON; TODD, 1999) o que pode trazer dificuldades nos relacionamentos posteriores. O relato da biografada mostra uma família com brigas, gritos que

provavelmente provocaram na filha vergonha pelo seu comportamento, como pode se inferir do fato de ela não querer mais sair com eles à rua.

A partir dessas experiências, começam a se desenvolver em Márcia dois sentimentos, o primeiro de sair de casa tão breve quanto possível, e de não ser mãe. As experiências vividas por Márcia na infância são apresentadas no presente como momentos a superar, a busca por estabilidade, o campo temático da entrevista, é confrontada constantemente com a infância turbulenta.

[...] desde a infância, e a minha relação com as minhas irmãs era de proteção porque no fim como a gente vivia naquele mundo de medos ã eu tava sempre ali na volta pra protege eu era mais velha mas eu não gostava muito dessa função também de=de te que assumi acredito que até a minha não vontade de te filho veio des:sa coisa de se senti muito responsável pelas minhas irmãs [...] (Transcrição, p. 2, linhas 33-38).

A saída de casa é um indicador de autonomia e amadurecimento. Sair de casa pode ser visto desde dois ângulos. Segundo Bowen (2015), a individuação consiste na capacidade de se distanciar emocionalmente dos pais. Essa capacidade pode ser entendida como a possibilidade de se afastar geograficamente da família de origem sem que isso constitua sofrimento, mas também de se aproximar dela sem ansiedade, de se sentir amarrada novamente à família de origem. O fato de a biografada ter sido expulsa de casa, sem ao que parece ter retomado as relações familiares, dificulta esse processo de amadurecimento emocional devido a ruptura e abandono abruptos.

Quando um dos filhos precisa assumir funções parentais com os seus irmãos menores, sem ter ainda as condições maduras que essa função requer, perde a possibilidade de focar para si mesma, esquecendo das próprias tarefas para seu próprio desenvolvimento saudável (ABENGOZAR; CERDA; MELÉNDEZ; 1998). Na biografia apresentada pela Márcia destaca-se o fato de ela precisar cuidar dos seus irmãos mais novos e percebe isto como desagradável, levando-a a negação da própria maternidade.

A família configura a nossa primeira instituição de contato, é através dela que somos introduzidos ao mundo externo e aprendemos a como interpretar o mundo à nossa volta (BERGER, LUCKMANN, 1999). De acordo com Sarti:

A família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas, com as quais se constrói a auto-imagem e a imagem do mundo exterior. Assim, é fundamentalmente como lugar de aquisição de linguagem que a família define seu caráter social. Nela, aprende-se a falar e, por meio

da linguagem, a ordenar e dar sentido às experiências vividas. A família, seja como for composta, vivida e organizada, é o filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo. Esse processo que se inicia ao nascer estende-se ao longo de toda a vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família. (SARTI, 2004, p. 17).

No momento em que nascemos, herdamos o mundo da vida (SCHÜTZ, 1979) de nossos pais, já constituído por eles, que representa as interpretações sobre a realidade ao nosso redor que já foi concluída, e que é reinterpretada pelos filhos ao longo da vida. Márcia, ao longo de sua trajetória, vai aprendendo a romper o mundo da vida herdado dos pais buscando distanciar-se da infância instável.

No estudo sobre a transgeracionalidade, Andolfi (2018), destaca os padrões de funcionamento familiar que passam de geração em geração. Atendendo a esta premissa, e considerando que o consumo de álcool é uma das formas de dependência negativa, esse padrão poderá ser repetido em outros contextos. Uma das consequências de crescer em famílias disfuncionais é a evitação de qualquer tipo de comportamento que reviva a dor da infância.

A vida narrada por Márcia marcada pelo ambiente conflitivo em que nasce contrasta com a vida que ela se propõe a viver. Enquanto na sua infância os conflitos são explícitos, a negligência paterna, mesmo não sendo dita acompanha a vivência da época. A biografada, desde o momento que é expulsa de casa se propõe a ter uma vida diferente.

Portanto, a partir da interpretação que Márcia dá da sua infância, é possível analisar como ela organiza sua vida na fase adulta. Devido aos momentos de instabilidade e conflito, o foco de Márcia em sua relação com Mateus e Bianca, é de garantir o máximo de estabilidade possível, mesmo sacrificando elementos de sua trajetória pessoal em prol do núcleo familiar. Abdicar do crescimento pessoal em uma tentativa de manter a família unida, pode ser entendida pela interpretação de Márcia de que família é o mais importante, já que ela constitui o núcleo principal da sociedade.

4.4.2 A gravidez e a chave de mudança

Seguindo com as experiências da infância de ter que assumir um papel de responsabilidade e proteção com as irmãs mais novas, Márcia amadurece seu desejo de não ser mãe. Ao descobrir a gravidez de forma irregular, já com 5 meses de

gestação, Márcia interpreta a gravidez como algo que poderia interromper seus planos futuros.

[...] eu nunca quis ter filho era uma certeza que eu tinha na vida que eu jamais teria e se um dia me batesse aquela vontade que todas as mulheres dizem que acaba batendo nelas de-de maternal de ter filho, então eu ia adota porque eu achava que tinha muita criança abandonada precisando de carinho, mas enfim então eu me vi lá grávida aos 19 anos 19 pra 20 já tava quase: fazendo 20 anos, ã foi muito apavorante [...] (Transcrição, p. 1, linhas 14-19).

Apesar de Marcia rejeitar a maternidade biológica, mantem o desejo da maternidade social quando pensa na adoção. Ser mãe, seja biológica ou social dá a possibilidade de construir e desenvolver apego. Na ausência de um apego seguro na vida familiar da biografada, Marcia possivelmente vê na adoção uma esperança de estabelecer vínculos significativos. Estes vínculos são considerados inatos e primários nos humanos (BOWLBY, 1988).

O apego seguro, decorrente de um vínculo que atende as necessidades básicas na infância, influencia na forma em que se constroem os vínculos na vida adulta. Quando a infância é tingida pela falta desse apego seguro, podem aparecer outras pessoas que “reparem” e preencham as carências esquecidas pelos progenitores. Figuras importantes que podem suprir essas faltas são amigos, professores, e na vida adulta o cônjuge (VETERE; DALLOS, 2012; JOHNSON; WHIFFEN, 2012).

O desejo da Márcia de se tornar uma mãe social pode se entender como a necessidade inata de cuidar e desse modo construir um vínculo significativo com o filho de adoção.

[...] aí eu cheguei lá e ele me disse que eu tava <grávida> e que: eu tava grávida de 5 meses e eu comecei a chora a chora chora=chora=chora chorei uma hora na: na consulta e: ele fico assustado fico ali me acudindo voltei pra casa chorando cheguei em casa daí contei pra o meu namorado que passo mais desesperado do que eu, e: a gente ficou um mês naquela função só chorando não sabia que ia fazer vamo tira não vamo tira, e::, aquela altura não tinha conhecimento nenhum de que:: com 5 meses de gravidez tu não tinha possibilidade nenhuma de tira mas sempre tem aquela tia irmã não sei quem de longe que dizia <não ainda da com esse tempo> e eu cheguei a cogita a:: a tira o bebê daí fomos nós dois até a frente da casa de uma enfermeira que foi essa mesma que disse que:, poderia me dá um remédio e eu poderia aborta e daí chegou na frente da casa da mulher o bebê <mexeu> na barriga e:: eu comecei a chora e eu disse que eu não queria mais que eu não ia conseguir tira e que: o bebê tinha

escolhido fica e eu ia deixa, (aquelas) coisa bem: maluquinha, e daí ele também começo a chora e disse então <tá> vamo embora vam- a gente: se daqui a poco a gente tive que deixa de faze faculdade a gente faz a gente vai cuida da criança eu não sei se a gente vai fica junto ou não mas a criança a gente vai <cuida> daí a gente volto o caminho todo chorando [...] (Transcrição, p. 5, linhas 25-41, p. 6, linha 1).

A decisão de Márcia pelo aborto representava à época a opção mais viável para que ela não interrompesse seus planos futuros, mesmo, por exemplo, podendo optar por colocar a criança para adoção. O que não é pensado por ela visto que seu desejo de adoção já foi expresso.

A chave de mudança de o desejo de abortar para se tornar mãe acontece na hora decisiva. No momento em que Márcia vai na casa da enfermeira para tentar o aborto ela diz que: “[...] *bebê <mexeu> na barriga e:: eu comecei a chora e eu disse que eu não queria mais que eu não ia consegui tira [...]*” (Transcrição, p. 6, linhas 36-37). Perceber os movimentos da filha, que com certeza poderiam ter sido notados antes dos cinco meses, é interpretado por Márcia como uma “salvação”. Assim, a partir dessa experiência traumática, ela passa a agir sobre sua vida como protetora e buscando ser a melhor mãe que consegue, contrastando com as más experiências maternas da infância. A vivência de ser mãe biológica pode representar, portanto, uma consequência pela busca constante por estabilidade.

Este é um momento da situação biográfica (SCHÜTZ, 1979) de Márcia em que seu sistema de relevância (SCHÜTZ, 1979) começa a sofrer mudanças. Até então, seu núcleo de relevância não incluía a maternidade, por exemplo, e a partir da aceitação da gravidez, essa maternidade e esse desejo por ser uma boa mãe, em contraste com a infância, passa a ser um tema principal que orienta suas ações.

[...] ter a Bi também foi outra coisa incrível porque como eu não sonhava nunca em ter filho na vida foi um grande aprendizado, a partir do momento que eu decidi te ela eu considero que eu nasci porque foi quando eu comecei a vê valor na vida e comecei a ir buscar as coisas que eu desejava e: mas eu fiquei durante 20 anos sem estuda sem trabalha sem sem me compromete com outras coisas pra pode cria ela porque não tinha com quem conta [...] (Transcrição, p. 1, linhas 31-36).

A partir do nascimento da filha Bianca, Márcia interpreta esse evento como oportunidade de crescimento e aprendizado. Ainda que ela tenha pausado suas atividades fora de casa, e com isso interrompendo ciclos importantes como o ingresso ao ensino superior e ao mercado de trabalho formal, o período é interpretado

positivamente. Tornar-se uma boa mãe constituiu desde esse momento o objetivo principal na vida da biografada. Pode se pensar que o fato de renunciar a si mesma é a forma mais forte de demonstrar para si e para a própria filha, sua qualidade materna. As experiências vivenciadas na sua infância devido ao escasso e frágil vínculo materno levam a redefinir o papel de mãe boa de modo polarizado. De um modo, a mãe de Marcia não olha para ela, e ao se tornar mãe Marcia somente olha para a filha.

Márcia se coloca como cuidadora principal da filha, relatando que “[...] *mas eu fiquei durante 20 anos sem estudar sem trabalhar sem me comprometer com outras coisas pra poder criar ela porque não tinha com quem contar [...]*” (Transcrição, p. 1, linhas 34-36), indicando que por mais que existisse a relação com o marido, Márcia se vê isolada, outro motivo para que tenha que esperar 10 anos para poder retomar suas atividades.

Nesse argumento aparece um contraste entre o tempo percebido na vivência pessoal e o tempo cronológico daquela época. Ao falar da sua biografia a voz de Márcia não apresenta uma diferença expressiva, pelo contrário é plana, ausente de emoção que contrasta com o tempo e a experiência vivida. Parece uma pessoa lendo um relato de vida alheio, impessoal. É essa talvez uma das consequências sofridas pela falta de conexão emocional na sua infância.

Ademais, eventos importantes que aconteceram dentro desses anos foram suprimidos e eles somente surgem depois, na fase de aprofundamento da entrevista. Dentre eles a tentativa de trabalho aos seis anos da Bianca, o ingresso à universidade 10 anos depois, o abandono acadêmico e posterior retomada dele. Outro evento que fica fora é o longo período de oito anos em que o casamento com Mateus está em conflito, que é adiado em prol da estabilidade familiar.

[...] desde que a Bianca nasceu eu vivo em busca da minha melhor versão, ã:: pra que ela tenha um referencial bom porque pra mim foi bom ter tido um referencial do pai dela e:: pra que ela tenha uma boa amiga pra que ela tenha uma mãe que ela possa contar sempre considerando também que eu não tive ninguém com quem eu pudesse contar antes, eu quero que a minha filha nunca tenha a sensação de se sentir sozinha na vida [...] (Transcrição, p. 16, linhas 20-25).

De forma geral, fica claro que a interpretação principal sobre a filha é de manter uma boa relação. No presente da fala, Márcia estabelece essa relação desde o início

até o final da entrevista, inclusive terminando a entrevista reforçando o quanto a relação com a filha é importante.

4.4.3 A faculdade

Depois do período de 10 anos em que Márcia fica em casa cuidando da filha, ela consegue retomar os estudos visando ter condições de manter a estabilidade, desta vez a partir da formação acadêmica. O ingresso no ensino superior representa para Márcia um aumento nas chances de conseguir ter mais estabilidade.

[...] eu tinha muita vontade de:: faze direito pra: alcança a justiça @risos@ eu achava que tinha muita coisa que podia se feita que só faltava a boa vontade das pessoas e isso é uma realidade, eu fui pro direito:: com muita ideologia e eu queria salva o mundo e eu queria e o meu mundo era assim ã se eu conseguisse ajuda uma pessoa perto de mim já seria o suficiente eu=eu pra mim direito nasceu pra isso pra=pra melhora a vida das pessoas pra facilita a vida das pessoas e:: pra desata os nós que as vezes a gente causa [...] (Transcrição, p. 10, linhas 41-43. p. 11, linhas 1-4).

A escolha pelo curso de direito representa em Márcia o desejo de conseguir “fazer justiça”, porém, através do próprio relato da biografada, essa é uma expectativa frustrada.

[...] quando eu entrei no direito aqui na faculdade da cidade só fiz também porque já tinha aqui em Osório se tivesse que faze fora eu não ia faze, porque daí tinha que fica cuidando da Bi e::, e daí assim uma coisa eu saí as: 15 pra 7 da=da minha cidade que eu levo 10 minutos pra chega na minha faculdade faço aula volto a aula em vez de termina 15 pras 11 como deveria as vezes terminava 10 horas da noite então 10 e 10 eu tava em casa e a minha filha tava ali sozinha com 10 anos fechadinha no apartamento eu fico tranquila porque se ela me ligasse eu chegava em 10 minutos ou menos então ã te uma mãe com pressa chega mais rápido, mas é: outra coisa era eu pega ônibus em outra cidade eu não faria nunca [...] (Transcrição, p. 11, linhas 28-36).

A escolha de Márcia de cursar uma faculdade próxima de sua residência, reforça sua interpretação de que “ser uma boa mãe” está atrelado, também, à proximidade física. É interessante apontar que Márcia continua reforçando a ideia de que ela é a única cuidadora da criança, pois nesse momento do início da faculdade, ela ainda estava casada, mas demonstra em sua fala que não pode contar com o marido para cuidar da filha à noite enquanto está na faculdade. Essa interpretação de falta de apoio influencia totalmente a capacidade de agir da biografada.

4.4.4 O divórcio

Durante a biografia de Márcia fica claro que as relações pessoais tomam um foco central. Seja a relação com o marido seja com a filha, Márcia estrutura suas vivências e seus cursos de ação para manter estrutura e estabilidade nas relações pelo maior período possível.

[...] aquela pessoa me trouxe referência pra vida me trouxe referências boas e: foi, inspiração e motivação pros meus dias, e: e passo 20 anos do meu lado: ã: me dando dias <maravilhoso> né tinha a gente nunca brigo a gente teve 2 discussões por causa das irmãs dele que estavam querendo poda ele assim querendo castra de uma maneira que eu não concordava e a gente discuti por isso porque na nossa relação a gente nunca discuti então eu tinha uma relação incrível com uma pessoa incrível e quando eu não consegui mais me senti feliz naquela relação pra mim foi um choque muito grande [...] (Transcrição, p. 7, linhas 20-26).

Márcia relata o casamento como porto seguro após as experiências instáveis da infância, e quando a relação começa a se desgastar, segundo ela: “[...] *como que eu não vo tem mais essa pessoa na minha vida, foi muito difícil ã e a e a m- ma- meu primeiro contato com isso foi em 2012, eu larguei faculdade, foi=foi bem difícil [...]*” (Transcrição, p. 7, linhas 28-30). Ela muda seus planos individuais para conseguir dedicar-se exclusivamente à manutenção do casamento. A interpretação de Márcia no presente sobre o divórcio permite observar como romper essa relação veio a grande custo emocional e financeiro, pois não existiu uma conciliação amigável para separação de bens ou qualquer ajuda financeira por parte do, agora, ex-marido.

[...] que aquilo não era não tava fazendo bem pra nenhum de nós dois a nossa relação não tava sendo boa porque ele só ã pensava no serviço priorizava os pais o pai e as irmãs e os restaurantes e=e eu e a Bianca era sempre secundário e a gente tinha que aceita aquilo a gente vivia sempre:, com migalha do que sobrava de=de de energia de dinheiro e de todo resto e: se a gente conseguia faze uma viagem diferente era porque as irmãs tinham nos dado não era uma coisa que a gente tinha organizado sendo que ele era um dos sócios da empresa, deveria te um prolabore (que se) a gente não <pudesse> faze aquilo a gente ia junta dinheiro e organiza mas a gente nem tinha o direito de te condições de faze isso porque ele permitia que elas comandassem a vida, e eu não admitia isso, né se ele quisesse e comandasse a vida dele beleza mas, ele tinha que entende que ele era casado e que ele era um adulto que ele precisava te a vida dele, ã: comandada por ele e que tinha algumas questões que ele permitia que elas se envolvesse e isso eu não admitia [...] (Transcrição, p. 7, linhas 35-43. p. 8, linhas 1-5).

Na narrativa da biografada aparece o conflito no casal quando Márcia almeja por independência financeira da família de origem de Mateus. A família dele é detentora do dinheiro e o controle sobre ele é mantido pelo sogro e cunhadas de Márcia. Depois de mais de dez anos de morar junto aparece o desconforto pela falta de independência financeira no casal.

Em todo casamento um dos temas de grande relevância é a questão do dinheiro (COELHO, 2013). É o momento que a economia e manejo dos gastos passa a ser de decisão compartilhada e ambos os cônjuges podem esperar ter um par que colabore com essas decisões. Talvez o fato de o casal Mateus e Marcia ter recebido o apoio da família do marido desde o início de sua vida a dois, junto com o fato de Mateus continuar trabalhando com seus familiares tenha dificultado a separação necessária para que o casal organize seu orçamento familiar de forma autônoma.

Durante o matrimônio é possível observar que pode existir uma relação conflituosa, não explícita, do casal em relação às finanças. A falta de liberdade para fazer uso do dinheiro como por exemplo férias planejadas pelas cunhadas, é um dos casos em que o controle se associa diretamente ao uso do dinheiro.

O fato de Márcia abrir mão temporariamente de perseguir objetivos financeiros através da carreira em maior parte do casamento, cria uma dependência financeira com Mateus, que por sua vez é dependente da sua própria família. A estabilidade buscada por Márcia, é representada ao longo de seu relato como sendo mais emocional do que financeira, pois não existem indícios em sua fala de que ela tenha conseguido organizar-se financeiramente e independente do marido. Os papéis de gênero tradicionais de homem e mulher em um casamento, como apontado por Atwood (2012), determinam que quem detêm o dinheiro, comumente, representa no casal como as decisões são tomadas. Existe um desequilíbrio na relação em que só uma das partes toma as decisões financeiras da família. As formas de estabilidade interpretadas por ela são no âmbito relacional, o que a coloca em uma situação delicada no momento da separação.

[...] em 2016 ã: mas o= o foi em 2015 eu volto de uma viagem da faculdade nós fomos pra Brasília e daí quando eu voltei da faculdade tô contando como foi incrível como foi legal que eu tava louca pra termina porque eu queria que ele pudesse começa e daí assim com como eu come-, controlaria eu poderia: gerenciar nossas finanças né poderia cuida da parte financeira ele poderia então se dedica aos estudos e ele ia gosta de faze isso também dessas viagens bacanas

que eu tava podendo fazer e daí n- no final da conversa eu lembro que ele só disse a eu preciso que tu assine uns papéis porque eu=eu as gurias querem que eu tenha:, que eu tire tudo que tá no meu nome e bote no nome da empresa pela razão x lá porque daí elas tavam preocupadas com o patrimônio dela- dele porque uma amiga tinha se separado e tinha deixado o marido sem quase nada e daí eu=eu na hora eu levei um choque muito grande porque eu::=eu:: pensei gente eu to há 3 anos batalhando pra nossa relação dá certo, não fui atrás da minha vida profissional porque eu pensei que a gente tava construindo uma coisa junto to eu cuidando agora da Bi tu tá aí batalhando de uma maneira e depois quando a Bi cresce eu vô busca, também e daí a gente tá fazendo tudo <junto> e:: agora tu me diz que as tuas irmãs querem tira todo o patrimônio que tu tem pra cuida de mim que vô tira tudo ti é isso? Então assim a gente não tá junto não somos parceiros, eu tô aqui só pra suga o que tu tem e tu tá aceitando que elas digam isso, daí pra mim foi ali: um divisor de águas já não achei que valia mais a pena tanto defende ou batalha por um relacionamento que não tava sendo visto da mesma maneira , e que:: e se tava sendo visto de uma maneira comercial ã:: eu ia daqui a pouco:: ã na hora que ele não quisesse mais ou na hora que elas bem entendessem também achasse que, que não deveria mais estar comigo el- elas=elas iam:, <dize e ele ia fazer> e daí aquilo me=me me deu um soco no estomago assim e: e eu fiquei gente não agora então vô foca e termina essa minha faculdade, vô:: vô busca então a minha independência financeira não estou mais num relacionamento que estamos construindo junto [...] (Transcrição, p. 8, linhas 17-43).

Márcia inicia esse processo e ao parecer está satisfeita com a sua escolha profissional. É possível pensar que o acesso a conhecimentos sobre direito permita que a biografada amplie vários conceitos e ideias sobre a vida cotidiana do casal. Ela então, após uma experiência acadêmica relata para seu cônjuge seu bem-estar, se interessa em motivá-lo, explicitando que após ela terminar o curso poderá “[...] e daí assim com como eu come-, controlaria eu poderia: gerenciar nossas finanças né poderia cuida da parte financeira ele poderia então se dedica aos estudos [...]” (Transcrição, p. 8, linhas 20-22). Existe a possibilidade de que Marcia haja falado anteriormente de ela tomar conta das finanças e que a família do Mateus percebesse um risco de perda financeira quando lembra a situação de uma conhecida ao pedir o divórcio.

Aqui se faz presente uma situação importante para a biografia de Márcia, a partir de uma conversa sobre os bens do casal, cria-se uma ruptura quando Mateus, através de suas irmãs, quer separar seu patrimônio do casal. Para Márcia, o valor monetário que esse pedido representava, é interpretado como um choque de realidade, que gera o desejo do divórcio, colocando em risco a estabilidade emocional e familiar que ela passa maior parte de sua vida construindo.

O desequilíbrio que existe entre Márcia em Mateus em relação ao dinheiro não é interpretado por Márcia negativamente, a estabilidade que ela busca se faz presente quando existe um combinado entre o casal de suporte e ajuda mútua em diferentes momentos da vida, e o aceitar que cada um do casal terá seu tempo para poder avançar seus objetivos profissionais. Pelo relato de Márcia, é possível identificar que ela desempenhou, e reproduz, um papel “tradicional” de mulher ao ficar em casa cuidando da filha e só depois de 10 anos poder retomar os estudos. Quando a interpretação de Márcia de que a relação tem outro valor, seu desejo por independência volta a se manifestar e surge novamente o objetivo da estabilidade emocional até então alcançado: “ [...] agora então vô foca e termina essa minha faculdade, vô:: vô busca então a minha independência financeira não estou mais num relacionamento que estamos construindo junto [...]” (Transcrição, p. 8, linhas 41-43).

O impacto da solicitação da divisão de bens parece reviver em Márcia o abandono experimentado na infância, bem como desestabiliza seu sistema de crenças de que o esposo é o cuidador principal pelo bem-estar dela. O conflito do casal que já estava instalado há três anos e o sentimento de ter batalhado para manter a união parece apagar da memória o investimento pessoal no seu plano de vida. Sente-se desamparada e desiste da parceria com o Mateus.

Nesse trecho biográfico pode ser entendido que o fundamento da união estava também no dinheiro. Uma vez que é solicitado deixar somente o nome de Mateus nos bens que são familiares e não conjugais o casamento rui em todas as dimensões. Ainda que não dito, pode se pensar que o dinheiro é para Marcia um fator principal da estabilidade nesse casamento.

[...] eu:: e no início eu me sentia muito culpada e realmente, ã eu não achava que não tinha direito de, de metade e essas coisas >não=não< apesar de eu te feito direito, te feito direito de família te sabido que eu vivi anos casada ao lado de uma pessoa ã eu teria direito a:: a uma parte dos bens dele eu eu não me sentia a vontade de pedi isso, ã:: eu queria faze um acordo com ele olha vamos ve, se fossemos procura a justiça, quanto que isso sairia pra cada um então a gente faz um acordo eu tiro só uma parte durante um tempo até eu consegui me mante e ainda te devolvo depois essa parte que tu me empresto é um empréstimo e ele não também não aceitava de jeito nenhum ele não queria nem me da parte que seria justa >né< dentro do=do do <direito> civil e não queria nem um acordo amigável de um empréstimo e eu não teria como consegui empréstimo do banco porque eu não tinha: ã, conta não tinha salário não tinha nada [...] (Transcrição, p. 9, linhas 22-33).

Já iniciado o divórcio, possivelmente, Márcia apresenta sua falta de apoio financeiro. Esse período é vivenciado como altamente instável, marcado por discussões a respeito de como poderiam organizar juntos um acordo financeiro entre o casal. No relato de Márcia aparece o sentimento de que mesmo sendo um momento delicado, ainda deveria existir um senso de justiça e companheirismo por parte de Mateus. No entanto aqui, novamente, o dinheiro passa a tomar outra dimensão. O caráter do dinheiro de ser utilizado como forma de carinho ou proteção (ZELIZER, 2017) é esquecido totalmente por parte de Mateus.

O arranjo financeiro de Márcia é totalmente anulado, relatando um desamparo e ainda um sentimento de culpa por algo que interpreta como justo. Nesse momento, mesmo tendo conhecimento jurídico à mão ela não consegue colocá-lo em mãos (SCHÜTZ, 1979), o que gera uma falha em oferecer possibilidades de ação para Márcia. Ela se encontra nessa época num conflito interno entre o conhecimento adquirido no curso de direito e o sentimento a respeito dos direitos adquiridos ao longo do relacionamento. Sentia-se “culpada” e “não à vontade” para buscar o que lhe pertencia por lei. Fazer um acordo temporal financeiro até Marcia conseguir autonomia financeira entra em ambivalência com o desejo de justiça.

4.4.5 O novo casamento

Durante o processo do divórcio e sem condições financeiras estáveis, Márcia depende da ajuda de Pedro, que será seu novo marido. Devido ao fato de que ela não teve condições durante o casamento de se organizar financeiramente, Márcia tampouco pode recorrer a instituições financeiras para conseguir outra moradia para ela e a filha.

[...] daí acabo que em 20::16 eu:: consegui, essa pessoa que eu tenho relacionamento hoje era apenas meu amigo na época, não tínhamos nada ã:: ainda depois eu passei a te sentimento por ele mas é ele me ofereceu o nome dele pra aluga um lugar fico: sensibilizado com a história e:: e daí alugo um apartamento no nome dele foi onde eu pude saí de casa e daí foi onde o Mateus entendeu que eu realmente não queria mais fica [...] (Transcrição, p. 10, linhas 6-11).

O relacionamento e posterior com Pedro apresenta dois fatores importantes para a biografada, ambas características da busca por estabilidade. A estabilidade emocional aparece quando Márcia interpreta sua relação de amizade com Pedro suficiente para que ela possa contar sua história e seus problemas, e a partir da ação

de Pedro de alugar um apartamento para Márcia, explicita a possibilidade de uma estabilidade financeira. De acordo com Natanson (2008), durante a vida as pessoas tentam alcançar seus interesses e desejos particulares. A interpretação de Márcia sobre as ações de Pedro leva a biografada a enxergá-lo como uma nova fonte de estabilidade, que continua sendo seu objetivo principal.

Ele é a solução e fonte de estabilidade econômica. Parece ser que de fato a estabilidade financeira na vida a dois, é prioritário ao sentimento amoroso que é desenvolvido depois. É possível que esse gesto de se sentir cuidada por Pedro, permita desenvolver em Márcia alguma forma de amor conjugal passando a morar juntos. O tempo passado entre o divórcio e o novo casamento parece ser bem curto reforçando a ideia da biografada de sua busca por estabilidade e precisar a companhia do outro para sentir segurança. Como foi discutido no item sobre a gravidez e mudança, pessoas que na sua infância tem carências emocionais, na vida adulta tendem a precisar de companhia continua para escapar da solidão.

[...] o fato dele sempre prioriza os amigos e a ex começo a me desgasta de uma maneira que:: eu então não sei se fiquei apática, ou se fiquei alimentando coisas pra me senti bem em relação ao meu ex-marido e daqui a pouco até repensa um=um retorno, sei que isso acabo estourando na nossa relação a gente acabo terminando e daí n- depois desse primeiro término só briga e volta e briga e volta e briga e volta e briga um ano inteiro assim 2018 inteiro assim, aí início de 2019 a gente termina de novo [...] (Transcrição, p. 14, linhas 29-35).

Ao longo do primeiro ano do casamento frequentemente o casal passa por vários conflitos decorrentes do ajuste. Campo (2014), menciona que cônjuges apresentam dificuldades para se ajustar às rotinas e costumes do outro na organização de assuntos pragmáticos da vida, e cada um deles acredita estar certo na sua forma de fazê-lo sendo esta dificuldade a mais comum e de fácil solução.

Nesse primeiro ano o casal precisa aprender a comunicar de modo claro. Em alguns casais o que dificulta e pode minar a base da relação é harmonizar os estilos que utilizam para resolver os conflitos. No primeiro casamento de Márcia o conflito estava velado e não se resolvia. Pelo contrário, o segundo casamento o conflito é explícito e há uma tentativa de solução através das brigas.

Seguindo a autora, muitos casais iniciam a vida a dois com dificuldades para chegar em acordos mínimos que definam o tipo de relacionamento. Outra

possibilidade de desacordos básicos sobre o tipo de relação que se deseja estabelecer é quando esta eleição se baseia nas expectativas de mudar o outro.

O relacionamento entre Márcia e Pedro é apresentado como bastante instável, desta vez no âmbito emocional. Márcia vivencia esse momento de sua biografia através de muitas discussões, brigas, términos e reatamentos, de certa forma, se apresenta aqui uma reprodução, em partes, do relacionamento de seus pais, que também é apresentado como conflituoso. A interpretação dela, no entanto, é que mesmo sendo um período difícil, ainda valem a pena as tentativas de fazer funcionar o relacionamento com Pedro, visto que ocorre o casamento mesmo após várias interrupções.

Não fica claro se a questão econômica toma um papel central nessa relação após o seu início. Márcia já concluiu seus estudos, mas não relata que esteja trabalhando na área. Em contrapartida, Pedro é funcionário público, o que garante uma maior estabilidade financeira. Os motivos de Márcia para manter o relacionamento podem ser pensados como mais emocionais do que econômicos, o desejo de manter uma família nuclear unida sempre fez parte da trajetória de Márcia.

[...] eu vô te dize que::, até o dia se- dia 9 de janeiro desse ano⁴, ã:: que foi a última vez que gente teve uma discussão eu ainda não sabia te dize se eu me manteria nesse casamento, ã:: mas des- deste dia, que realmente conseguimos encaixa e alinha todos os fios e eu vejo comprometimento diário desde então, eu to vivendo tudo aquilo que eu=que eu sempre achei que pudesse vive com essa pessoa, e ele ta se mostrando re- ser realmente aquela pessoa que ele me dizia que era e que eu realmente achava que realmente podia se quando ele não estava sendo, então assim eu- eu casei com:: o homem que eu queria casa to tendo o relacionamento que eu gostaria de te, e desejo que:: a gente possa permanece sempre assim com essa: sintonia boa com essa condição de resolve problemas bem, e:: que a gente nunca mais se perca, e que nada seja maior do que nós dois juntos [...]
(Transcrição, p. 15, linhas 39-44. p. 16, linhas 1-6).

O último relato de Márcia referente a seu novo casamento é apresentado com uma incerteza de manutenção do casamento, mas termina reafirmando que, no momento da entrevista: “[...] eu to vivendo tudo aquilo que eu=que eu sempre achei que pudesse vive com essa pessoa [...]” (Transcrição, p. 15, linhas 43-44). A interpretação de Márcia no presente da fala é de que, até então, sua busca por estabilidade está sendo cumprida. Um fator que não é levantado por Márcia é a

⁴ Entrevista realizada em abril de 2021.

relação de Pedro com sua filha Bianca, pelo fato de que Bianca agora está com 20 anos, não há indícios de que esse seja um elemento relevante no momento.

Finaliza-se aqui a reconstrução do caso biográfico de Márcia. É interessante perceber como ela narra e interpreta momentos marcantes de sua trajetória e como o seu passado, principalmente a infância, serve como motivação maior em suas escolhas e ações. A interpretação de Márcia sobre seu passado é trabalhada constantemente no presente da fala. Ao lembrar momentos específicos de sua biografia, ela consegue diferenciar entre aspectos positivos e negativos, e fica claro ao analisar o caso inteiro, que a estabilidade é, realmente, o objetivo maior a ser alcançado em sua vida.

A seguir, trago algumas reflexões sobre sua filha Bianca, para analisar como as trajetórias e possíveis interpretações das duas gerações ocorrem. Por mais que a reconstrução de caso da filha não seja feito, ainda é possível tratar da filha como um suporte à biografia da mãe.

4.4.6 Mãe e filha

Aqui podemos começar a pensar nas semelhanças e diferenças geracionais entre a mãe e filha entrevistadas. Na fala de Márcia, sua família de origem perde visibilidade, apontando uma quebra nas relações a partir do momento que sai de casa. O relato de Bianca, no entanto, demonstra uma maior relação com a família materna ao contar que se criou com o tio materno, irmão mais novo de Márcia e alguns anos mais velho que ela.

Em aspectos de carreira, fica claro na trajetória da filha que a ela é garantido um maior nível de estabilidade do que a mãe teve. Pela capacidade da filha de cursar uma vida acadêmica no tempo esperado, observa-se que Bianca não passa pelas mesmas experiências que a mãe. Outro fator importante resta na habilidade da filha poder escolher um curso superior que realmente queira, havendo uma troca de curso após perceber que não era o que gostaria de cursar. Essa troca de curso, inclusive, é algo que sua mãe não consegue realizar, o que reforça a interpretação de Márcia de poder garantir à filha o que não teve.

As condições mais estáveis em que Bianca foi criada, lhe deram as condições para desenvolver uma relação saudável de independência da família de origem. Esse

fato está representado na trajetória de Bianca ao relatar que planejou mudar de cidade para poder cursar o que queria, porém, devido à pandemia COVID-19, foi obrigada a se manter na cidade natal, que também afetou drasticamente o sistema educativo.

No relato de Bianca o tema do dinheiro aparece mais espontaneamente do que no relato da mãe quando menciona que, na infância, desfrutou de uma estabilidade financeira, e que é interpretado positivamente no presente. Com isso, é possível analisar que o significado do dinheiro para Bianca reproduz o mesmo da mãe em alguns momentos, pensar o dinheiro como fonte de estabilidade, segurança, carinho e proteção, são elementos marcantes da interpretação de Márcia.

Pensando em termos geracionais, fica claro que o mundo da vida (SCHÜTZ, 1979) herdado por Bianca contém elementos de estabilidade que ela busca reproduzir ao longo de sua trajetória. A estabilidade e segurança que provém do dinheiro são elementos compartilhados explicitamente pelas duas mulheres. No entanto, talvez pelas experiências e a diferença dos contextos em que transcorrem a infância da mãe e da filha, permite que a interpretação da realidade de Bianca parta de um lugar bastante diferente do que a de Márcia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o nascimento em 1980 e o país ainda não estabilizado economicamente, os pais de Márcia se encontram em uma situação financeira delicada, como descrito pela biografada. Márcia conheceu o marido com 16 anos, ou seja, em 1996, nesse período o país já estava mais estabilizado, principalmente após a implantação do Plano Real em 1994 (KLEIN; LUNA, 2016). Aqui podemos pensar que Márcia ainda não conseguia dedicar-se exclusivamente aos estudos, com 16 anos ainda se espera que ela estaria no segundo grau, mas já estava, talvez, se planejando para sair de casa e busca um emprego em uma lanchonete, (também demonstra que busca empregos de mão-de obra não especializada). Possivelmente a família instável não oferecia um ambiente econômico favorável para que Márcia pudesse dedicar-se somente aos estudos.

A gravidez da filha Bianca após a conclusão do ensino médio, em 1999, representou na vida de Márcia uma interrupção num plano de vida de seguir para a faculdade e ingresso no mercado de trabalho regular, essa gravidez indesejada, exige

que Márcia mude os planos que poderiam oferecer alguma estabilidade. A permanência e apoio do pai da Bianca, aceitando a gravidez foi de grande importância na vida da biografada, já que os pais de Márcia, ao saber da sua condição, a expulsaram de casa. É nesse momento que Mateus acolhe a parceira e futura filha, e os jovens pais recebem a aceitação e ajuda emocional e financeira da família deste.

Os primeiros 10 anos de vida da filha Bianca representam uma pausa na vida social de Márcia e na sua busca por objetivos externos ao lar. O trabalho de Mateus permite a Marcia se dedicar exclusivamente aos cuidados da filha. Atender o restaurante possivelmente demanda mais horas de trabalho do que Marcia gostaria levando-a a perceber que o Mateus está ausente na criação da filha. O esforço que envolve trabalhar para sustentá-las, representa também uma parte da busca por estabilidade, podendo oferecer uma vida diferente à filha daquela que ela teve com seus pais. Aqui é possível pensar que essa escolha de ficar em casa possa representar essa estabilidade emocional que aparenta ser o objetivo maior da vida de Márcia.

O contraste de sua infância com a infância da filha oferece possibilidades importantes de análise, o período 2000 – 2010 trouxe para o país um momento de enorme crescimento econômico para as classes baixas no governo Lula (KLEIN; LUNA, 2016). De alguma forma, foi possível que Márcia ficasse em casa cuidando da filha sem Márcia expressar alguma dificuldade financeira. Já quando Márcia retoma os estudos em 2010, com 30 anos, é possível pensar em como era o acesso à educação superior à época, Márcia consegue acesso à educação privada, pelo seu relato.

Aguiar (2015) destaca que os programas iniciados no período presidencial do Fernando HC e depois durante o período presidencial de Lula, o ingresso ao terceiro grau teve um representativo aumento de a de *“um milhão e setecentos mil, em 1995, a seis milhões e trezentos mil em 2010”* (AGUIAR, 2015, p.113). A criação do ProUni e do FIES possibilitou que houvesse esse aumento de estudantes nas universidades privadas, passando eles a ter condições de equidade com alunos com famílias de melhor poder aquisitivo. É graças a mudança na política educacional que possivelmente Marcia consegue o acesso aos estudos superiores.

O divórcio representa outro momento de instabilidade na vida da biografada, como foi relatado. Márcia não conseguiu, por exemplo, um acordo financeiro que considerasse justo no divórcio, não fica claro qual configuração esse divórcio tomou, tanto financeiramente na divisão de bens, quanto por uma possível pensão da filha, mas é relativamente claro que Márcia e Mateus tiveram dificuldade de acertar um acordo e definir questões de moradia.

Márcia consegue recorrer à ajuda de um amigo, Pedro, que acaba se tornando seu novo marido, o que indica que o novo marido tem condições suficientes para cuidar de Márcia, inclusive foi relatado que Pedro oferece seu nome para que Márcia consiga alugar um apartamento após o divórcio. Esse novo casamento, logo em seguida à separação, pode representar, novamente, a busca por estabilidade que Márcia constrói ao longo da biografia, e por mais que houvesse momentos negativos no novo relacionamento, Márcia identifica como algo a ser perseguido e “batalhado”.

Nas entrevistas a questão financeira e de dinheiro não é um algo que se desenvolve de forma natural. O tema do dinheiro continua sendo tabu (ATWOOD, 2012) nas famílias e nos casais, porém, é um objeto de pesquisa rico e que não deve ser evitado afinal o dinheiro, em todas as suas formas e significados (ZELIZER, 2017), constitui um papel central em todas as relações humanas.

Finalmente, gostaria de ressaltar a riqueza e a importância de realizar pesquisas biográficas. Utilizar o método de narrativas biográficas oferece ferramentas essenciais para pensar fenômenos sociais a partir do sujeito no seu cotidiano. Olhar para o mundo da vida dos biografados configura a real tarefa dos sociólogos (SCHÜTZ, 1979) e é a partir desse fazer sociológico que conseguimos começar a entender a realidade ao nosso redor.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vilma. *Um balanço das políticas do governo Lula para a educação superior: continuidade e ruptura*. Revista de Sociologia e Política. v. 24. n. 57. 2016.
- ABENGOZAR, Maria Carmen; CERDA, Carmen; MELÉNDEZ, Juan. *Desarrollo familiar. Aspectos teóricos y prácticos*. Valencia: Promolibro. 1998.
- ANDOLFI, Maurizio. *A terapia familiar multigeracional*. Belo Horizonte: ArteSã. 2018.
- ATWOOD, Joan. *Couples and Money: The last taboo*. The American Journal of Family Therapy. v. 40. Oxfordshire: Routledge. 2012.
- BOWLBY, John. *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fonte. 1984.
- BOWEN, Murray. *De la familia al individuo. La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós. 2015.
- CAMPO, Carmen. *A terapia de casal na prática clínica: um modelo de diagnóstico e intervenção*. In: MEDINA, Raúl; LASO, Esteban; HERNÁNDEZ, Eduardo. (Coord.). *Pensamiento sistémico. Nuevas perspectivas y contextos de intervención*. México: Litteris Psicología. 2014.
- COELHO, Lina. *O meu, o teu, o nosso dinheiro: Contributos para o estudo da gestão das finanças conjugais em Portugal*. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 101, Setembro 2013. p. 89-110.
- DURKHEIM, Émile. *Regeln der soziologischen Methode*. Neuwied/Berlin: Luchterhand, 1970.
- FONSECA, Ana; JACOUD, Luciana; KARAM, Ricardo. *Do Bolsa Família ao Brasil Sem Miséria: o desafio de universalizar a cidadania*. In: MONTALI, Lilia (Org.). *Cadernos de Pesquisa NEPP*, n. 86. pp 52 – 79. Jun. 2018.
- FONSECA, Claudia. *Olhares antropológicos sobre a família contemporânea*. *Pesquisando a família: Olhares contemporâneos*. pp. 55-68. 2004.
- FREUD, Anna. *The infantile neurosis: Genetic and dynamic considerations*. The Psychoanalytic Study of the Child, New Haven, v. 26, n. 1, p. 79-90. 1971. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00797308.1971.11822266>. Acesso em: 05. Out. 2021.
- GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine. 1967.
- GOFFMAN, Ervin. *Frame analysis. An essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press. 1986.
- GURWITSCH, Aron. *The Thematic Field*. In: GURWITSCH, Aron; EMBREE, Lester (Ed.). *The Field of Consciousness: Phenomenology of Theme, Thematic Field, and Marginal Consciousness*. Heidelberg: Springer, 2010. p. 301-335.

JOHNSON, Susan; WHIFFEN, Valeri. *Os processos de apego na terapia de casal e de família*. São Paulo: Roca, 2012.

KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. *História econômica e social do Brasil: o Brasil desde a república*. São Paulo, SP: Saraiva, 2016.

LAMOUNIER, Bolivar. *Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira*. São Paulo, SP: Augurium, 2005.

LAVALL, Eliane. *Experiências Vivenciadas por Familiares de Pessoas que Cometeram Suicídio: Abordagem de Narrativas Biográficas*. 291 p. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

LEITÃO, Miriam. *Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

LUDWIG, Kamila Silva de Almeida. *Filhos da Violência Conjugal: Pesquisa Biográfica com Órfãos*. 141 p. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MANNHEIM, Karl. *El problema de las generaciones*. REIS - Revista española de investigaciones sociológicas, n. 62. 1993. p. 193-242

MCGOLDRICK, Monica; SHIBUSAWA, Tazuko. *O ciclo vital familiar*. In: WALSH, Froma. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed. 2016. pp. 375-398.

MINUCHIN, Salvador; FISHMAN, Charles. *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: ArtMed. 1990.

NATANSON, Maurice. *Introduction*. In: SCHÜTZ, Alfred. *Collected Papers I – The Problem of Social Reality*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962.

NATANSON, Maurice. *La elección entre diversos proyectos de acción*. In: SCHUTZ, Alfred. *El problema de la realidad social. Escritos I*. Buenos Aires: Amarrortu Editores, 2008. p. 86-108.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected papers* (editado por Charles Hartshorne e Paul Weiss). Cambridge: Belknap, 1980.

PIRES, A. *Relações de gênero e orçamento familiar: percepções dos recursos do Programa Bolsa Família como dinheiro feminino*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v. 42, n. 145, p. 130-161, jan.-abr. 2012.

REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2014.

REIF, Karina Schuh. *Em Liberdade: Narrativas Biográficas de Mulheres com Experiências de Encarceramento*. 83 p. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016

RINALDI, Débora. *A Interpretação da Catação pelos Catadores: Um Estudo Biográfico*. 172 p. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: Uma introdução*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SANGALLI, Lucas Cé; RINALDI, Débora. *Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso*. Em Tese, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 107–136, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2018v15n2p107>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SANGALLI, Lucas Cé. *O Desaparecimento de Alain: Movimentos e Pertencimento na Vida de um Migrante*. 95 p. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Hermílio. *Ação, relevância e interpretação subjetiva*. In: 35 Encontro Anual da ANPOCS, 2011, Caxambu. Anais do 35º Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2011.

SANTOS, Hermílio. *Apresentação da edição brasileira*. In: SCHÜTZ, Alfred. *A Construção Significativa do Mundo Social: Uma introdução à sociologia compreensiva*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2018.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patricia; SUSIN, Priscila. *Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: Revisão e perspectivas*. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 2, p. 359, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17152>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SARTI, Cynthia. *A Família como Ordem Simbólica*. Psicologia USP, 2004, 15(3), 11-28.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHÜTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. *The structures of the life-world*. Evanston: Northwestern University Press, 1973. v. 1.

SCHÜTZE, Fritz. *Die Technik des narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien*. Relatórios de trabalho e material de pesquisa n. 1 da Universität Bielefeld, Departamento de Sociologia. 1977.

STANTON, M. Duncan; TODD, Thomas C. *Terapia familiar del abuso y adicción a las drogas*. Barcelona: Gedisa, 1999

STRAUSS, Anselm L. *Grundlagen qualitativer Sozialforschung*. Munique: Fink, 1991.

VETERE, Arlene; DALLOS, Rudi. *Apego y terapia narrativa. Un modelo integrador*. Madrid: Morata. 2012.

WAGNER, Helmut R. *Introdução: A abordagem fenomenológica da sociologia*. In: WAGNER, Helmut. (org.). Alfred Schütz: Fenomenologia e relações sociais (textos escolhidos de Alfred Schütz). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. pp. 3 - 50.

WEBER, Max. *Soziologische Grundbegriffe*. In: WINCKELMANN, Johan (ed). *Wirtschaft und Gesellschaft*. 5. ed. rev. Tübingen: Mohr/Siebeck. 1972.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. *Bolsa família: avanços, limites e possibilidades do programa que está transformando a vida de milhões de famílias no Brasil*. 1a ed ed. São Paulo, SP, Brasil: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

WELLER, Vivian. *Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise das narrativas segundo Fritz Schütze*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPeD, 32., 2009, Caxambu, MG. *Anais [...]*. Caxambu, MG: ANPeD, 2010.

WELLER, Vivian. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim: perspectivas para a análise das relações entre educação e trabalho*. In: 29 Encontro Anual da ANPOCS, 2005, Caxambu. *Anais do 29º Encontro Anual da ANPOCS*. São Paulo: ANPOCS, 2005.

ZELIZER, Viviana. *The Purchase of Intimacy*. New Jersey: Princeton University Press. 2005b.

_____. *The social meaning of money*. New Jersey: Princeton University Press. 2017.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br